

PORTVGALIAE  
MONVMENTA NEOLATINA

VOL. XI

ORAÇÕES  
DE SAPIÊNCIA

1548-1555

BELCHIOR BELEAGO

ORAÇÃO  
SOBRE O ESTUDO  
DE TODAS AS DISCIPLINAS

1 de Outubro de 1548

Introdução, fixação do texto latino, tradução e notas

MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA

(Página deixada propositadamente em branco)

## INTRODUÇÃO

Da Oração de Sapiência proferida pelo Doutor Belchior Beleago<sup>1</sup> na abertura solene da Universidade de Coimbra, no dia 1 de Outubro de 1548, conhecem-se apenas dois exemplares quinhentistas impressos, um pertencente à Biblioteca Pública Municipal do Porto e outro à de Évora, e três cópias manuscritas derivadas daqueles, das quais uma se conserva na Biblioteca da Universidade de Coimbra, outra na de Évora e outra na Nacional de Lisboa<sup>2</sup>.

Em 1937 a obra foi reimpressa, juntamente com outras congéneres<sup>3</sup>, por Luís de Matos, por ocasião das comemorações do quarto centenário do estabelecimento definitivo da Universidade em Coimbra. Em 1948, como se completassem os quatrocentos anos sobre a data da primeira composição e impressão do discurso académico de Beleago, quis a Direcção do Centro de Estudos Humanísticos, anexo à Universidade do Porto, assinalar a data com a publicação de uma edição fac-similada de tão rara espécie bibliográfica, acompanhada da respectiva versão portuguesa. Desse modo se honraria a memória do douto humanista portuense e se poria ao alcance dos estudiosos documento tão interessante para a história da cultura nacional.

---

<sup>1</sup> À forma Melchior, que figura no rosto das edições de ambas as obras de Beleago, substituímos Belchior, que pode ler-se em todos os documentos em português a ele referentes (citados por António Cruz, “Belchior Belago Humanista Portuense”, *Bibliotheca Portucalensis*, Porto, 1957, pp. 7-29) e no fac-símile da assinatura do humanista, reproduzido a p. 9 de M. Gonçalves Cerejeira, *Clenardo*, nova edição refundida, Coimbra Editora L.<sup>da</sup>, Coimbra, 1926. Sobre a evolução deste nome próprio, veja-se Leite de Vasconcelos, *Antroponímia Portuguesa*, Lisboa, 1928, pp. 60 e 511, e bibliografia aí citada.

<sup>2</sup> A enumeração das espécies existentes foi feita por Luís de Matos, *Quatro Orações Latinas proferidas na Universidade e Colégio das Artes (Séc. XVI)*, Universitatis Conimbrigensis Studia ac Regesta, Coimbra, 1937, pp. VII-VIII.

<sup>3</sup> As orações de Arnaldo Fabrício, na inauguração do Colégio das Artes, a de André de Resende, em louvor de D. João III, e a de Hilário Moreira, na abertura solene das aulas, incluídas na colectânea mencionada na nota anterior. A oração de Fabrício, no momento da primeira edição deste nosso trabalho, em 1959 (Porto, Centro de Estudos Humanísticos, anexo à Universidade do Porto), estava a ser traduzida e anotada por Maria José de Sousa Pacheco, com vista à licenciatura em Filologia Clássica, e hoje sai também incluída no presente volume, pp. 9-61; a segunda foi igualmente traduzida e publicada por Gabriel de Paiva Domingues, *Um Discurso de André de Resende*, colecção «Universitas», Coimbra Editora, L.<sup>da</sup>, Coimbra, 1945.

Circunstâncias várias atrasaram a execução desse plano, e, embora a tradução estivesse terminada na data própria, só depois ela pôde vir a lume, acompanhada das notas que julguei convenientes.

Entretanto, foi apresentada ao mesmo Centro de Estudos Humanísticos, em sessão de 22 de Maio de 1957, uma comunicação<sup>4</sup> de António Cruz, em que se estuda minuciosamente a biografia e a bibliografia de Belchior Beleago. Esse trabalho, junto a notas esparsas pelos famosos estudos sobre o Colégio das Artes e seus Mestres, da autoria de Mário Brandão<sup>5</sup>, ao prefácio já citado da edição de Luís de Matos, a algumas referências casuais de Dom Manuel Gonçalves Cerejeira<sup>6</sup> e do Prof. Doutor Joaquim de Carvalho<sup>7</sup>, completa o quadro das informações sobre a figura de tão discutida envergadura moral, que foi o mestre «parisiense» do Colégio das Artes.

Dispensável é, portanto, repetir aqui quanto se apurou sobre a figura do humanista. Limitar-me-ei a analisar os dados fornecidos pela própria Oração de Sapiência para o conhecimento da cultura da época em geral, e da de Beleago em particular.

A referência que lá se encontra ao Colégio de Sainte-Barbe, enquadrada no elogio ao estado dos estudos em França, que Quicherat em vão havia procurado<sup>8</sup>, foi já devidamente posta em relevo por Luís de Matos<sup>9</sup>, bem como o encómio da política cultural de D. João III e da organização do Colégio das Artes. São estes, sem dúvida, os aspectos que mais recomendam ao estudioso actual a leitura desta peça oratória.

Mas não é destituído de interesse observar, através da exposição e dos termos em que é desenvolvido o esquema do discurso, um pouco do ambiente cultural em que se situa.

A oração segue o plano usual do género: após um exórdio preenchido com as habituais declarações de incompetência e a proposição, faz-se o elogio da filosofia<sup>10</sup>,

<sup>4</sup> Publicada na revista citada *supra*, nota 1, sob o título *Belchior Beleago, Humanista Portuense*, e acompanhada da edição fac-similada da outra obra conhecida do doutor quinhentista – *De Dialectica Liber* (pp. 31-60).

<sup>5</sup> Nomeadamente “Os Professores dos Cursos das Artes nas Escolas do Convento de Santa Cruz, na Universidade e no Colégio das Artes de 1535 a 1555”, *Biblos*, V, 1929, pp. 84-109 (sobre Beleago, *vide* pp. 99-100); O *Colégio das Artes*, I, 1547-1555, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1924, especialmente pp. 102, 109, 110; *A Inquisição e os Professores do Colégio das Artes*, vol. I, Acta Universitatis Conimbricensis, Coimbra, 1948, pp. 626-632 e 638-640.

<sup>6</sup> *O Humanismo em Portugal*. *Clenardo*, cit., pp. 9, 10, 38, 85.

<sup>7</sup> Ao publicar os epigramas de Buchanan ao mestre portuense, nas anotações às *Noticias Chronologicas da Universidade de Coimbra* de Francisco Leitão Ferreira, Vol. III, t. I, p. 441, Universitatis Conimbricensis Studia ac Regesta, Coimbra, 1944.

<sup>8</sup> Quicherat, *Histoire de Sainte-Barbe*, I, Paris, 1860, *apud* Luís de Matos, *op. cit.*

<sup>9</sup> *Op. cit.*

<sup>10</sup> Todo informado pelas doutrinas estoicas, através do ciceronianismo, segundo nos declarou João Ferreira.

e logo se passa ao encómio individual de cada uma das sete artes professadas no colégio<sup>11</sup>: aritmética, música, geometria, astronomia, gramática, dialéctica, retórica.

Dois pequenos excursos, na melhor tradição clássica, marginam a exposição: um, a propósito da Astronomia, sobre as navegações portuguesas; outro, ao falar da Eloquência, sobre as excelências e vantagens do conhecimento da Língua Grega e a utilidade do Hebraico para entender os profetas. Uma rápida censura – tão actual! – à pressa com que a maioria faz os seus estudos das Humanidades estabelece a transição para o elogio das Faculdades Maiores: de Direito Civil, de Direito Canónico, de Medicina e de Teologia. O louvor aos reis de França, pela sua acção em prol do desenvolvimento da cultura, logo seguido do de D. João III, focando especialmente a concessão de bolsas de estudo, o convite a mestres estrangeiros para leccionar no nosso País e a fundação do Colégio das Artes conduzem à peroração, que termina com uma exortação ao estudo, dirigida à mocidade académica.

O plano é muito semelhante ao de outros discursos congêneres da mesma época, nomeadamente ao da oração que Mestre Arnaldo Fabrício proferira, por altura da inauguração do Colégio das Artes, cerca de sete meses antes. Mas as semelhanças não se limitam à ordenação geral da exposição, senão que abrangem grande parte das ideias e até dos exemplos citados. As historietas referentes a Temístocles, a Sócrates, Pitágoras, Saul, Platão, Péricles, Sulpício Galo, e o elogio de Demóstenes e Cícero são, com efeito, comuns a ambas as orações, embora expressos em termos ligeiramente diferentes. Comum é ainda o elogio de D. João III e do Colégio. Mas o paralelismo acima apontado não força à conclusão de dependência da Oração de Beleago em relação à de Fabrício, embora a hipótese não deva pôr-se de parte. A identidade de estudos e leituras basta para o justificar<sup>12</sup>.

Parece ter havido, na verdade, uma preparação, um conhecimento de certas anedotas tradicionais dos livros de ensino, de tópicos, que só por si explica o aproveitamento independente de passos célebres, do conhecimento de todos os humanistas.

---

<sup>11</sup> Mário Brandão, *O Colégio das Artes*, I, p. 272: «Como se depreende eram todas as ciências do *Trivium* e do *Quadrivium*, que formavam as disciplinas a ensinar no Colégio, por isso que na cadeira de Matemática se devia ler sem dúvida a Geometria, a Aritmética e a Astronomia.

A Música não era também esquecida, embora reduzida a simples aula prática de canto-chão e canto de órgão, de grupo coral, encarregado de solenizar as festividades religiosas na capela colegial. Fora do quadro ensinar-se-iam ainda as duas línguas, tidas agora em tempos do Renascimento em alto apreço – o grego e o hebreu».

O regimento e estatutos do Colégio das Artes encontram-se publicados em António José Teixeira, *Documentos para a História dos Jesuítas em Portugal*, Coimbra, 1899, pp. 4-11; Mário Brandão, *Documentos de D. João III*, vol. III, pp. 108-117; Joaquim de Carvalho, aditamentos às *Notícias Chronologicas da Universidade de Coimbra* de Francisco Leitão Ferreira, 2.<sup>a</sup> Parte, vol. III, tomo I, *Universitatis Conimbrigensis Studia ac Regesta*, Coimbra, 1944, pp. 283-308.

<sup>12</sup> O exemplo da nota 27 mostra Beleago muito mais próximo do original latino do que Fabrício.

Uma rápida revisão das origens de tais exemplos – cujo uso em obras literárias era moda desde a época romana – dá-nos uma ideia da qualidade de autores que mais frequentemente se estudavam e compulsavam.

Em primeiro lugar, Cícero, citado expressamente mais do que uma vez, em trechos das *Tusculanae*, *De Legibus*, *De Officiis*, *Brutus*, *De Oratore*, *Orator*, *De Finibus*. Plutarco é outra das fontes principais (*De Superstitione*, *Non posse suaviter uiui secundum Epicurum*, *Quaestiones Conuiales*), bem como Plínio o Antigo e Quintiliano. Algumas referências a Platão (*Republica*, *Leges*, *Protagoras*), Aristóteles (*Problemata*, *Ethica*) a Plotino, Diógenes Laércio, Macróbio. Valério Máximo, Ulpiano, Ovídio, Sereno, Celso, Virgílio, Homero e a *Bíblia* completam a extensa galeria. De notar é, porém, que, dentre os autores gregos, parece que só os filósofos são de conhecimento directo – conhecimento esse comprovado através do *De Dialectica Liber*, acima referido, A citação de Homero poderá sê-lo também, mas duas de Píndaro que figuram no texto são importadas dos passos de Plutarco que as contêm, como adiante se verá nas notas aos respectivos lugares.

A oração de Beleago é assim um tecido de citações – ora literais, ora levemente modificadas – articuladas com maior ou menor habilidade, por meio de um latim que, diga-se em abono do autor, não destoa do conjunto. E, de par com os exemplos acompanhados do nome da fonte donde são extraídos, vamos encontrar linhas e linhas trasladadas ou imitadas do Arpinate<sup>13</sup>, que contribuem não pouco para a cadência ciceroniana do discurso<sup>14</sup>.

Neste particular, há um curioso aproveitamento de dados clássicos para os adaptar às circunstâncias de momento. Trata-se de um pequeno excurso ao Direito Canónico, sobre Lutero e Melanchthon. Aquele chefe religioso é representado, em termos virgilianos, no suplício da roda de Ixíon, e a famosa frase *Discite iustitiam moniti et non temnere diuos*, posta na boca de uma Fúria, para especial advertência de Melanchthon, que ainda estava vivo. Trata-se, portanto, de uma curiosa adaptação de uma cena infernal, cujo modelo vinha já de Píndaro, a um problema candente da

<sup>13</sup> No prólogo da sua Oração, Arnaldo Fabrício é mais explícito:

*Illud uero neque dissimulabo neque me fateri pudebit, in hac locorum communium tractione loca quaedam quae ad hanc rem maxime pertinere uidebantur a M. Cicerone me mutuatum esse: ita tamen, ut uerbis, ac ipsis propemodum rebus commutatis ea ut imitator in usum meum transtulerim. In quo, si modo meus hic labor non omnino frustra susceptus uidetur, spero meliori fore me condicione, quam cui uni Ciceronis imitatio nunc demum uitio, culpaque tribuatur.* (Vide supra, p. 30).

Nas notas finais transcrevemos o texto de muitas dessas fontes.

<sup>14</sup> De tal modo que, embora se saiba hoje que os humanistas de quinhentos tiveram conhecimento das cláusulas oratórias (cf. S. F. Bonner, “Roman Oratory” in *Fifty Years of Classical Scholarship*; Oxford, 1954, p. 358), torna-se inútil procurá-las no discurso de Beleago, onde a parte original do autor é bastante reduzida. Uma revisão recente das teorias dos antigos (Aristóteles na *Retórica*, Cícero no *Orator*, *De Oratore* e *Partitiones Oratoriae*) e sua aplicação veio pôr em relevo o predomínio do período sobre a cláusula na formação do ritmo (Walter Schmid, *Über die klassische Theorie und Praxis des antiken Prosarhythmus*, Hermes Einzelheften, Heft 12, Fr. Steiner Verlag, Wiesbaden, 1959).

época do autor. Com o falecimento recente de André de Gouveia, ocorrido em atitude espiritual considerada pouco ortodoxa, desenhavam-se já no futuro os perigos dos processos inquisitoriais a alguns dos mais famosos mestres do Colégio das Artes<sup>15</sup>.

Estava na ordem do dia uma objurgatória contra a heresia nascente. E Beleago fê-la com um inesperado travesti clássico.

Na ordem do dia estava também a aversão pela memória de André de Gouveia. O elogio perfunctório que lhe faz Beleago, transitando rapidamente para os louvores a Diogo de Gouveia o Moço, rival impiedoso do seu parente, é prova de que também ele adoptava a mesma atitude<sup>16</sup>.

De resto, Beleago pertencia ao número dos mestres que, por terem feito seus estudos na capital da França, recebiam a designação de parisienses, e a rivalidade entre estes e os chamados bordaleses, de carácter e formação diversa, começava já certamente a ameaçar a unidade do Colégio das Artes. Não terá sido, pois, estranha a tal atitude uma certa animosidade latente contra estes últimos.

Algo do carácter de Beleago transparece desse passo. Como também à sua insistente referência às grandes remunerações concedidas noutras eras e noutros lugares aos mestres de diversas artes não deve ser estranha a celebrada ambição do humanista portuense<sup>17</sup>.

Deste modo, o presente discurso é, ao mesmo tempo, um documento da psicologia do seu autor, encoberta sob o frio aparato académico que o informa, um eco das paixões religiosas que entenebreceram o século, um registo fidedigno de um padrão educacional, e um depoimento precioso para a história do humanismo entre nós. Estas características assegurar-lhe-ão, segundo esperamos, o interesse de quantos se dedicam aos problemas de cultura.

MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA

---

<sup>15</sup> Refiro-me ao processo de João da Costa, Diogo de Teive e Jorge Buchanan. O próprio Beleago, chamado a servir como testemunha, foi acusado pelo aluno D. António Abranches de ceiar com eles em dias de jejum (citado por Mário Brandão, *A Inquisição e os Professores do Colégio das Artes*, vol. I, pp. 626-632).

<sup>16</sup> Sobre toda esta questão, veja-se Mário Brandão, *O Colégio das Artes*, I.

<sup>17</sup> Cf. Mário Brandão, *A Inquisição e os Professores do Colégio das Artes*, vol. I, pp. 638-640 e António Cruz, “*Belchior Beleago, Humanista Portuense*”, cit., p. 27 *seqq.*

(Página deixada propositadamente em branco)

TEXTO E TRADUÇÃO

BELCHIORIS BELEAGO  
PORTVENSIS

DE  
DISCIPLINARVM OMNIVM  
STVDIIS ORATIO

Ad uniuersam  
Academiam Conimbricae habita  
Cal. Octobris  
M. D. XLVIII

CONIMBRICAE  
Apud Ioannem Barrerium et Ioannem Alvarez  
M. D. XLVIII

BELCHIOR BELEAGO  
PORTUENSE

ORAÇÃO  
SOBRE O ESTUDO  
DE TODAS AS DISCIPLINAS

Proferida  
Perante toda a Academia de Coimbra  
em 1 de Outubro  
de 1548

COIMBRA  
Em casa de João Barreira e de João Álvares  
1548

[3]

ILVSTRISSIMO, AC PRVDENTISSIMO  
D. IOANNI ALFONSO A VASCONCELLOS MENESIO  
BELCHIOR BELEAGO S.

Cum non ita pridem de more huius Academiae orationem de disciplinarum omnium laudibus habuissem, accesserunt ad me plerique amicorum obnixè petentes, ut eam ipsam orationem ederem, ut ab omnibus amicis legi posset. Ego qui scripta mea non tanti facerem, ut ea lectu digna censerem, eos ut nimium mei amantes, eaque de causa in mearum rerum iudicio caecutientes redarguebam; sed tandem accessisti tu uir illustrissime, qui id quid imperare pro tuo iure poteras a me peteres, ut uidelicet hanc orationem excudendam curarem. Cum uero neque auctoritatem tuam spernere, neque uoluntatem repudiare sine scelere nefario possim, efficiam libenter id quod aliter nullo modo facere ausus essem. Decreueram enim in hoc Apellem imitari, ut quemadmodum ille opera tanquam inchoata, et imperfecta hominum iudiciis proponebat, ut siquid ab illis esset merito repraehensum, corrigeret. Ita meam hanc orationem quamuis lectione dignam existimarem (quod secus existimo) non tamen illam in lucem proferrem, nisi postquam fuisset emendata atque doctorum hominum iudicio comprobata. Nunc tamen auctoritate tua fretus, nullius iudicium reformido. Qui enim erunt aequi iudices [4] intelligent quanto sit grauius, officium deserere quam parum eleganter et ornate conscribere, officium autem deseruissem, si tibi (cui omnia studia propter praestantem tuam in me beneficentiam) debeo, non statim paruissim. Neque dubito quin ubi primum in huius epistolae exordio lectores, in tuum nomen inciderint propter nominis ipsius splendorem hanc orationem illius tutela munitam uituperare non audeant. Quod si tu illam singulari tuo iudicio comprobaueris, spero futurum ut omnes sententiam tuam, qua res maximae nituntur, in hoc etiam sequendam arbitrentur.

Vale et litteris, ut facis, faue.

[3]

AO ILUSTRÍSSIMO E ESCLARECIDÍSSIMO SENHOR  
D. JOÃO AFONSO DE VASCONCELOS MENEZES  
SAÚDA BELCHIOR BELEAGO

Tendo eu proferido, não há muito tempo, uma oração em louvor de todas as disciplinas, segundo a praxe desta Universidade, vieram ter comigo muitas pessoas da minha amizade, a pedir-me com afincos que publicasse essa mesma oração, para que pudesse ser lida por todos os amigos. Eu, que não tinha os meus escritos em tal apreço que os julgasse dignos de serem lidos, objectava-lhes que me estimavam demasiado, e por essa razão viam mal ao julgar das minhas obras; mas, finalmente, viestes vós, varão ilustríssimo, pedir-me aquilo que por direito próprio poderíeis ordenar, isto é, que tratasse de imprimir esta oração. Ora, como eu não podia desprezar a vossa autoridade, nem rejeitar a vossa vontade, sem incorrer num acto condenável, executarei de bom grado o que, de outro modo, não ousaria de forma alguma fazer. É que eu tinha decidido imitar nisto Apeles, apresentando, tal como ele, à apreciação dos homens as obras como principiadas e inacabadas, a fim de que, se eles censurassem alguma coisa com razão, a corrigisse<sup>1</sup>. Assim, ainda que julgasse esta minha oração digna de se ler (o que estou longe de pensar), não a traria, contudo, à luz, a não ser depois de emendada e aprovada por sentença de varões doutos. Mas agora, confiado na vossa autoridade, não temo a opinião de ninguém. Aqueles que forem juizes imparciais [4] compreenderão quanto é mais grave faltar à sua obrigação do que escrever com pouca elegância e arte. Teria, porém, faltado a ela, se não houvesse obedecido imediatamente a vós, a quem sou devedor de todos os meus estudos, graças à vossa soberana generosidade para comigo. E não duvido de que os leitores, logo que, no começo desta epístola, se lhes deparar o vosso nome, pelo esplendor do mesmo, não se atreverão a censurar esta oração, fortalecida pelo seu patrocínio. E, se a vossa opinião pessoal a aprovar, espero que todos pensarão que também nisto devem seguir a vossa sentença, na qual se apoiam as maiores causas.

Adeus, e protegeí as letras, como fazeis.

[5]

ORATIO  
DE DISCIPLINARVM OMNIVM STVDIIS

Bene ac sapienter, rector amplissime, patres sapientissimi, optimae spei adolescentes, a maioribus nostris institutum est ut in omnibus, quae uel loquimur, uel animo concipimus, a Deo semper exordium capiamus, est siquidem ille uita, ac lux quaedam una rerum omnium, omni uirtute praecellens, a quo mens et ratio nostra ita profluxit, ut facile appareat in nobis diuinae mentis atque rationis similitudo. Id tamen minus cernitur, antequam scientiae lumen accedat, quae diuinitus generi humano concessa est, tum ut ceteras res omnes, tum ut quod est difficilimum nosmet ipsos agnoscamus diuinumque aliquid nos habere sentiamus. Hic est enim naturae ordo diuino munere constitutus, ut homini cetera animantia pareant, in homine uero corpus animo subiiciatur, animus a mente regatur, mens uero in Deum respiciat a quo intelligendi uim accepit, ut singula expenderet, scieretque quid sibi ut bonum asciscendum esset; quid contra ut pestilens et exitiosum fugiendum. Hanc igitur uim si semel relictis nefariis uoluptatibus (quae animum perniciosissima suauitate deliniunt) ad naturae peruestigationem contuleris, tum demum intelliges, quantis et quam magnificis te Deus muneribus ad consequendam sapientiam instruxerit, et subornarit. Dispersit enim Deus in nobis uirtutum semina, quae si animis apte concipiamus, simillimi origini unde orti sumus efficimur; atque diuinos [6] fructus efferimus. Ex quo euenit, ut is ad Deum proxime accedere uideatur, qui unde ortus sit quasi recordetur, et agnoscat. Quemadmodum enim canibus odorandi uis insita est, leonibus, elephantisque robur; equis autem pernicitas, ita est innata hominibus mentis agitatio atque solertia; uirtutis ac dignitatis studium; unde animi caelestis origo perspicitur. Quae animi natura si studio litterarum e uitiorum tenebris, quae illam obscurant, et in terram deprimunt, eripiatur, incredibilem lucem, caelestemque in illa splendorem conspiciamus.

Magna est igitur, et excellens litterarum uis, quae animum morbis oppressum excitat, illumque ad suae naturae memoriam reuocando, in caelestem dignitatem restituit. Atque utinam quando magis obtemperandi studio, quam perficiendi spe, hanc prouinciam suscepi, ut litterarum fructum, et dignitatem explicarem, fuisset in me orationis facultas, et copia qua tantam rerum magnitudinem dicendo consequi possem. Quod si aliquando optandum fuit, tum uel maxime hoc in loco, in tanto doctorum hominum conuentu, in quorum conspectum nihil nisi perfectum ingenio, elaboratum industria afferri oportet. Quare uereor, ne temeritatis crimen incurram, cum id onus susceperim, quod nemo sine summa eloquentia,

[5]

ORAÇÃO  
SOBRE O ESTUDO DE TODAS AS DISCIPLINAS

Excelente e sabiamente determinaram os nossos antepassados, reitor magnífico, sapientíssimos lentes, mocidade esperançosa, que, em tudo o que dissermos, ou imaginarmos, principiemos sempre por Deus, uma vez que Ele é a vida e, ao mesmo tempo, por assim dizer, a luz de todas as coisas e se distingue por todas as suas virtudes; dEle dimana o nosso espírito e razão, a tal ponto, que facilmente se mostra em nós a semelhança da mente e da razão divina. Contudo, esse facto é pouco notório, antes do aparecimento das luzes da ciência, que foi divinamente concedida ao género humano, para conhecermos todas as outras coisas, assim como – o que é difícilimo – para nos conhecermos a nós mesmos<sup>2</sup> e sentirmos que temos algo de divino. Pois tal é a ordem da natureza, instituída por dádiva divina; que ao homem obedeçam os restantes seres animados, enquanto nele o corpo está sujeito à alma, a alma é dirigida pelo espírito, e, por sua vez, o espírito está voltado para Deus, de quem recebeu a inteligência para julgar de cada coisa e saber o que deve aprovar-se como bom, e, inversamente, o que deve evitar-se como pestilento e funesto. Ora, se abandonarmos os prazeres nefastos, que seduzem a alma com uma perniciosíssima brandura, e voltarmos esta capacidade para a investigação da natureza, só então se entenderá com quantos e quão magníficos dons nos dotou e adornou Deus, para alcançarmos a sabedoria. É que Deus disseminou em nós as sementes das virtudes e, se as recebermos capazmente nos nossos espíritos, tornamo-nos semelhantes à origem donde proviemos, e produzimos [6] frutos divinos. Donde resulta parecer aproximar-se de Deus aquele que, por assim dizer, se recorde donde proveio, e o reconheça. Do mesmo modo que o olfacto está adstrito aos cães, a força aos leões e aos elefantes, e, aos cavalos, a destreza, assim é inata nos homens a actividade do espírito e o engenho, o zelo da virtude e da dignidade, por onde se descobre a origem celeste da alma, em cuja natureza, se, pelo estudo das letras, se desprende das trevas dos vícios que a obscurecem e a lançam por terra, vemos uma luz incrível e um esplendor celeste.

Grande é, na verdade, o poder das Letras, que reanima a alma oprimida pelas afecções, e, chamando-a à lembrança da sua natureza, a restitui à dignidade celeste. E oxalá que, quando tomei este encargo de dissertar sobre o fruto e o mérito das Letras, mais pelo zelo de obedecer que pela esperança de ser bem sucedido, houvesse em mim uma faculdade e uma riqueza oratória com que pudesse atingir no discurso um assunto de tanta magnitude. Facto que, se alguma vez foi para desejar, o seria mais do que nunca neste lugar, numa tal reunião de homens doutos<sup>3</sup>, em cuja presença não convém apresentar nada que não seja de acabado engenho e de elaborada arte. Eis porque temo incorrer na acusação de temeridade, ao tomar este encargo, tal que ninguém, sem uma superior eloquência (de que me

cuius me penitus expertem sentio, sustinere ualeat. Omnia enim sunt sic attingenda, quae Graeci τὰς ἐγκυκλοπαιδείας uocant, ut ad ea pro dignitate tractanda, Cicerone laudatore sit opus. Sed si quo [7] consilio huc uenerim, intellexeritis, facile mihi ueniam dabit. Ego enim, auditores humanissimi, non ignorans mearum uirium tenuitatem huc ascendi, sed primum ut iis parerem quorum imperium et auctoritatem aspernari sine scelere nefario non poteram; deinde humanitate uestra confirmatus, omnem timorem deposui, spero enim fore, ut hunc meum conatum boni consulatis. Disciplinarum igitur uobis fontes ostendam, earumque usum, utilitatem, amplitudinem, et excellentiam breuiter exponam. De quibus dicentem me, quaeso beneuole audite; id quod a uobis uel singulare meum erga uos studium, uel ipsa litterarum dignitas impetrabit. Vt autem hinc initium faciamus.

Quum sapientissimus ille rerum Opifex hominem caelestis gloriae heredem facere constituisset, quoniam nihil est ratione melius, nec in omni caelo atque terra diuinius, ex tot animantium generibus, atque naturis, ipsum solum participem rationis et cogitationis suae fecit; cui rationi sensus tanquam satellites, ac nuntii rerum plurimarum attributi sunt, qui materiam ad multarum rerum scientiam comprehendendam menti suppeditarent. Inde ad hominum commoditatem artes innumerabiles repertae sunt, docente natura; quam ratio imitata multis artibus et humanis et diuinis paulatim excolta est, atque id tandem assequuta, ut exactius singularum rerum uim, naturam, et rationem cognosceret, uoluntatique praescriberet, quid sequendum esset, quid [8] omni impetu repellendum. Haec quum adoleuit, atque perfecta est, pulcherrimo uirtutum artiumque omnium comitatu circumsaepa est nominatur rite sapientia. A cuius studio primus Pythagoras, cum Leonte principe docte et copiose disserens, nullam se scire artem professus est, sed esse philosophum, hoc est, sapientiae studiosum qui ceteris omnibus pro nihilo habitis, rerum naturam studiose intueretur. Sapientia uero perfectum bonum est mentis humanae; est enim, ut a ueteribus definitum est, rerum humanarum et diuinarum, causarumque quibus hae res continentur, scientia. Philosophia sapientiae amor atque ardens appetitus ut nominis ipsius uis et sententia declarat; qui igitur philosophus non est, hoc est qui sapientiam non suspicit et admiratur, ipse se abiicit in terram, et uitam pecudum sequutus se ipse humanitate spoliatur. Hominis enim proprium munus est, non uoluptati seruire, neque otio languere, sed ratione uti; rerum causas mentis acie contueri; neque solum naturam, sed naturae totius Architectum contemplari; qui quidem non nobis solum uitam largitus est, sed etiam ad uitae praesidium, et ornamentum, philosophiam humano generi concessit. Parum enim iuuaret uiuere, nisi id etiam a Deo haberemus, per quod bene atque beate uiuere possemus, quod quidem praestat philosophia. Non immerito igitur exclamat Cicero: “O uitae Philosophia dux, o uirtutis indagatrix, expultrixque uitiorum, quid non modo nos, [9] sed omnino uita

sinto profundamente carecido) seria capaz de aguentar, pois tenho de tocar em tudo aquilo que os Gregos chamam τὰς ἐγκυκλοπαιδείας<sup>4</sup>, de tal modo que, para as tratar segundo o seu valor, seria preciso um Cícero por encomiasta. Mas, se tiverdes compreendido [7] com que intuito aqui vim, facilmente me perdoareis. Na verdade, doutíssimos ouvintes, eu não subi até aqui ignorando a debilidade das minhas forças, mas, em primeiro lugar, para obedecer àqueles cuja ordem e autoridade não podia desprezar sem culpa condenável; depois, firmado na vossa indulgência, depus todo o temor, pois espero que tenhais em boa conta este meu esforço. Mostrar-vos-ei portanto, resumidamente, as fontes das disciplinas, o seu uso, utilidade, amplitude e excelência, e, ao falar sobre isso, escutai-me, peço-vos, com benevolência: graça que há-de obter de vós não só o meu zelo para convosco, mas o próprio valor das Letras. Começemos, pois.

Quando o ilustre e sapientíssimo Autor das coisas<sup>5</sup> resolveu constituir o homem herdeiro da glória celeste (uma vez que nada é melhor do que a razão, nem mais divino em todo o céu e terra),<sup>6</sup> de tantas raças e naturezas de seres animados, a ele só fez participante da razão e do seu pensamento<sup>7</sup>; à qual razão os sentidos são atribuídos como servidores e mensageiros das várias coisas, para fornecerem ao espírito material com que apreenda o conhecimento da pluralidade dos factos<sup>8</sup>. A partir daí, descobriram-se inúmeras artes, para comodidade dos homens, com a natureza por mestra; e a razão, imitando-a por muitos processos, quer humanos, quer divinos, aperfeiçoou-se a pouco e pouco e conseguiu finalmente conhecer a força, a natureza e o género de cada coisa com todo o rigor<sup>9</sup>, e prescrever à vontade o que devia seguir e o que [8] devia repelir com toda a energia. Quando ela cresceu, se completou e se rodeou da formosíssima companhia das virtudes e de todas as artes, acertadamente se denominou sabedoria<sup>10</sup>. E Pitágoras, dissertando douta e copiosamente com o príncipe Leonte acerca deste estudo, foi o primeiro que declarou que não sabia nenhuma arte, mas era filósofo, isto é, um estudioso da sabedoria, que, tendo por nada tudo o mais, observava cuidadosamente a natureza das coisas<sup>11</sup>. Com efeito, a sabedoria é um bem completo do espírito humano; é realmente, como foi definida pelos antigos<sup>12</sup>, a ciência das coisas humanas e divinas e das causas em que essas coisas estão contidas. A Filosofia é o amor e ardente desejo da sabedoria, como o próprio significado do nome e o sentido o declaram; por conseguinte, quem não é filósofo, isto é, quem não contempla e admira a sabedoria, a si próprio se lança por terra, e, seguindo a vida dos animais, despoja-se a si mesmo da sua qualidade de homem<sup>13</sup>. É função própria do homem não servir o prazer, nem se amolecer na ociosidade, mas usar da razão, considerar com os olhos do espírito as causas dos factos; e contemplar, não só a natureza, mas o Arquitecto de toda a natureza, que nos doou generosamente não só a vida, mas também, para defesa e ornamento dela, concedeu a Filosofia ao género humano. Na verdade, de pouco valeria viver, se não a tivéssemos recebido de Deus, de modo a por ela podermos levar uma existência boa e feliz, pois que a Filosofia o assegura. Não é portanto sem razão que Cícero exclama: «Ó Filosofia, guia da vida, que procuras

hominum sine te esse potuisset? Tu urbes peperisti, tu dissipatos homines in societatem uitae conuocasti. Tu eos inter se primo domiciliis, deinde coniugiis, tum litterarum, et uocum communione iunxisti; tu inuentrix legum, tu magistra morum et disciplina fuisti; ad te confugimus, a te opem petimus.” His uerbis Cicero illius fructum et amplitudinem meritis laudibus exornat. Illa enim uitam fragilem, et omnibus casibus obnoxiam gubernat, illa noxia cuncta repellit, fluxa contemnere docet; firma uero, et constantia consecrari; atque postremo facit, ut sine discrimine ad portum perueniamus; sine illa omnes nostrae contentiones in medio cursu conciderent.

Grauissimi auctores tres philosophiae fecerunt partes, moralem quae animum componit; naturalem, quae naturam scrutatur; et rationalem, quae disserendi rationem complectitur. Rursus et singulas harum partium in alias tribuunt; in praesentia tamen non est cur simus magnopere de tam subtili diuisione solliciti. Illud est quod omnes admonitos uelim, nihil esse Philosophia praeclarius. Nam siue oblectatio quaeratur animi, requiesque curarum, quid illa ad animi tranquillitatem utilius? Siue gloriam cupias, quid ad laudem illustrius? Siue uirtutem colas, nihil aptius ad uirtutem consequendam illis disciplinis, quae praecepta bene beateque uiuendi tradunt. Siue utilitas opesue petantur, ab omnibus artibus quae Philosophiae nomine continentur, maximum emolumentum ad **[10]** communem usum afferri constat.

*Arithmetica*

Et ut ab his, quae Mathematata dicuntur, exordium ducamus Platonem per singula sequuti, quid Arithmetica et ad omnes artes cognoscendas et ad uitae commoditatem magis necessarium? Vt uideamur absque ea uitae rationem explicare non posse. Eum uero scire omnia qui numerorum scientiam teneat, antiquorum semper fuit opinio. Plato ille diuinus non modo intelligendi, sed et docendi magister, quaerit et scitatur cur homo animal sapientissimum esse uideatur, neque ulla alia ei satisfecit ratio, quam quia numeros teneat quibus uirtus perfici cognoscique rerum natura possit. Et Aristoteles: “Cur,” inquit, “homini potissimum ex toto animantium genere fides adhibeatur? An quia, ut Plato Neocli respondit, numerare nouit?”

Qui enim numerare scit, aptus est ad omnes disciplinas percipiendas, singula enim numeris metiens, exactius perpendit, atque rerum singularum modum et ordinem ratione complectitur. Ac proinde diuinam hanc scientiam humi repere non permittamus, eamque a quaestoribus, mercatoribus, et aliis quicunque huiusmodi rationibus perficiuntur ad secretiora naturae euocemus; quamuis ipsi maximam ex ea percipientes utilitatem, et in illa diu exercitati ab illius interiore cognitione uelut sanctiore mysterio exclusi, qualis et quanta sit illius uis, ne suspicari quidem ualeant. Nam Plato inter omnes liberales artes, et theoricas scientias praecipuam et maxime diuinam uideri numerorum scientiam scribit; et numeros, mensuras, solida in medium

a virtude, expulsas os vícios, sem ti que seria, não só de nós, [9] mas até da vida dos homens? Tu geraste as cidades, tu chamaste os homens dispersos à vida social, tu juntaste-os entre si, primeiro nas habitações, depois em uniões, e finalmente na comunhão das letras e das palavras; tu foste a inventora das leis, a mestra dos costumes e o ensino; em ti buscamos refúgio, a ti rogamos auxílio<sup>14</sup>. Com estas palavras decora Cícero de merecidos louvores o seu fruto e grandeza. É ela que dirige a fragilidade da vida, sujeita a todas as contingências, é ela que repele tudo o que é nocivo, ensina a desprezar o que é efêmero, mas a buscar o que é firme e constante; e faz, enfim, com que cheguemos ao porto sem excepção. Sem ela, todos os nossos esforços sucumbiriam a meio do caminho.

Autores de grande vulto dividiram a Filosofia em três partes: a moral, que abrange a alma, a natural, que investiga a natureza, e a racional, que compreende a razão discursiva; e novamente separam cada uma destas partes em outras. Contudo, de momento, não há motivo por que nos preocupemos muito com tão subtil divisão<sup>15</sup>. Do que eu queria que todos estivessem advertidos é que nada há de mais ilustre do que a Filosofia. Pois, se procurarmos o deleite espiritual e o repouso das preocupações, que há de mais útil do que ela para a tranquilidade da alma? Se desejarmos a glória, que de mais ilustre para o elogio? Ou, se cultivarmos a virtude, nada de mais apto para alcançar do que aquelas disciplinas que transmitem os preceitos de viver bem e com felicidade. Ou, se buscarmos a utilidade ou a riqueza, é reconhecidamente por todas as artes compreendidas pela designação de Filosofia que vem o maior [10] contributo para o uso comum.

E, para fazermos ponto de partida daquelas que se denominam Matemáticas, seguindo a cada passo Platão – que há de mais necessário que a Aritmética, quer para o conhecimento de todas as artes, quer para a comodidade da vida? A ponto de nos parecer que sem ela se não pode explicar a razão da existência. Que tudo sabe, na verdade, aquele que possui a ciência dos números, foi sempre a opinião dos antigos. O ilustre e divino Platão, mestre não só do entendimento, como também do ensino, inquire e interroga porque é que o homem parece ser um animal sapientíssimo, e nenhuma outra razão o satisfaz, senão que possui os números, com os quais a virtude se aperfeiçoa e se pode conhecer a natureza das coisas<sup>16</sup>. E diz Aristóteles: «Porque é que, de todo o género animado, é ao homem que se dá maior importância? Porque, como Platão respondeu a Néocles, sabe contar?»<sup>17</sup>

Com efeito, quem sabe contar está apto a perceber todas as disciplinas. Pois, medindo cada coisa com números, aprecia com mais rigor e abrange com a razão a medida e a ordem de cada uma. Não permitamos, portanto, que esta divina ciência rasteje pelo solo e vamos buscá-la aos questores, mercadores e outros, todos aqueles que efectuem cálculos deste género, para a chamarmos aos maiores segredos da natureza; apesar de que aqueles, recebendo dela a sua máxima utilidade e nela há muito exercitados pelo seu conhecimento interno, como que excluídos do mistério mais augusto, nem sequer são capazes de suspeitar a qualidade e a quantidade da sua força. Platão escreve que, entre todas as artes liberais e ciências teóricas, parece

*Aritmética*

adducit, quibus Deum omnia perfecisse [11] in Sacris Litteris legimus. Quin etiam et magni nominis philosophi animas numeris cum corporibus societatem inire, atque his permanentibus, corpus animari, deficientibus uero arcanam illam societatis uim desolui tradiderunt, ideoque non abs re animam esse numerum se mouentem plerique existimarunt. Nam et Plotinus in anima posuit numerum, quem sensibus nequeas discernere.

Quanta sit in numeris uis et efficientia, ut alia praetermittamus, Musicae quae ex illis constat utilitas satis planum facit. Atque illam quidem musicam flagitioso lenocinio aures hominum demulcentem, quam uelut moribus inimicam ab sua *Republica* exclusit Plato, et Aegyptii in ciuitatem non admiserunt, non modo in oratione nostra non pono, sed ne animis quidem uestris haerere desidero. Illam ueram Musicam cuius totum officium est animos, ac mentes ab agresti feroque sensu ad societatem humanam reuocare, et rursus ne mollitia diffuant, uirtute ac constantia tenere ac uincere, oratione persequar, eam enim putat Plato a Deo concessam ad praeclarius opus, quam ut ad delicias conuertamus et aurium uoluptatem; quam etiam ex auium cantu, quarum similes esse nollemus, capere possumus.

Musicae tria esse principia ab eruditioribus est deprehensum maerorem, uoluptatem, numinis afflatum. Tractat autem de uocibus, et tonis aut in acutum tollendis, aut in graue deprimendis; de uariis sonorum interuallis pro rata portione distinctis, atque mirabiles concentus efficientibus, quorum uis tam efficax est ad animos uarie [12] commouendos et incitandos, ut facile quouis homines impellat. Nullum enim est tam immite, tam asperum pectus, quod non cantu et concinna orationis et carminis modulatione flectatur. Pythagoras et qui deinde studia secuti sunt consimilia mundum non sine musica subtiliter astruunt et componunt. Ptolemaeus item musicam diuinis inserit rebus, quod grauissime significauit Pindarus:

*Ὅσσα δὲ μὴ πεφίληκε  
Ζεύς, ἀτύζονται βοάν  
Πιερίδων ἄϊοντα*

(Quaecumque non amat Iuppiter uocem auersantur Pieridum). Id etiam Platonicos impulit ut ex musica, ad quam genus hominum maxime aptum animaduertebant, humani animi caelestem originem colligerent. Tanta uero huius artis apud ueteres fuit ueneratio, ut iidem musici et uates et sapientes haberentur, usque adeo, ut trito prouerbio diceretur ab omnibus, indoctos a Musis atque Gratiis abesse. Proinde Themistocles, in epulis cum recusasset lyram, habitus est indoctior. Omitto quae poetas de Orpheo et Lino prodidere, nempe feras etiam saxa atque nemora cantus suauitate quo uellent duxisse. Quid illud quod testatur Macrobius, elephantes cantu

capital e superiormente divina a ciência dos números<sup>18</sup>. E apresenta os números, as medidas, os sólidos com que lemos [11] nas Sagradas Escrituras<sup>19</sup> que Deus tudo fez. Mais ainda, mesmo os filósofos de grande nome informaram que as almas se associavam com os corpos por números, e permanecendo elas, o corpo se animava, mas, faltando aquela força oculta de associação, se dissolvia, e por isso entenderam muitos, não sem razão, que a alma era um número que se movia. De facto, Plotino pôs na alma o número, que não se pode distinguir com os sentidos<sup>20</sup>.

Quanta força e eficiência há nos números – para não falar de outros pontos – a utilidade da Música, que deles se forma, explica-o de maneira assaz clara. Em todo o caso, essa música, que, com uma sedução desonesta, encanta os ouvidos dos homens, a qual Platão excluiu da sua *República* como inimiga dos costumes<sup>21</sup>, e os Egípcios não admitiram no seu Estado, não só a não incluo na minha oração, como nem sequer desejo que se detenha nas vossas almas. Aquela verdadeira Música, cujo ofício é todo ele chamar os corações e os espíritos dos sentimentos selvagens e ferozes à sociedade humana, e novamente, para que não se relaxem na moleza, segurá-los e amarrá-los à virtude e à constância, citá-la-ei no meu discurso, pois que Platão a julga concedida por Deus para uma obra mais ilustre do que para a convertermos em delícia e prazer dos ouvidos<sup>22</sup>, que também podemos tomar do canto das aves, às quais não quereríamos ser iguais.

Deduziram autores bastante eruditos que três são os princípios da Música: a tristeza, o prazer, a inspiração. Trata pois das vozes e tons que, ou se devem elevar até ao agudo, ou baixar até ao grave, dos vários intervalos de sons, distintos segundo uma proporção, que produzem acordes admiráveis, cuja força tão eficaz é para variamente [12] comover e incitar os espíritos, que em qualquer parte impele facilmente os homens. Pois não há peito tão duro, tão áspero, que se não dobre ao canto, e à modulação regular da prosa e do verso. Pitágoras e os que depois seguiram estudos semelhantes, constroem e harmonizam subtilmente o mundo, e não sem música<sup>23</sup>. Do mesmo modo, Ptolomeu insere a Música nas coisas divinas, tendo em vista o que Píndaro gravemente significou<sup>24</sup>:

Ὅσσα δὲ μὴ πεφίληκε  
Ζεὺς, ἀτύζονται βοάν  
Πιερίδων ἄϊοντα

(Tudo aquilo que Júpiter não ama afasta a voz das Piérides). Isso mesmo levou também os Platónicos a ir buscar à Música, à qual sentiam estreitamente ligado o género humano, a origem celeste da alma<sup>25</sup>. Foi tal a veneração por esta arte entre os antigos, que os próprios músicos eram tidos por vates e por sábios, a ponto de dizerem todos num provérbio muito usado que os indoutos estavam afastados das Musas e das Graças<sup>26</sup>. E assim Temístocles, como recusasse a lira ao banquete, foi tido por bastante inculto<sup>27</sup>. Omito o que os poetas transmitiram de Orfeu, e de Lino; pois não levavam as feras e também as pedras e os bosques onde quisessem, pela suavidade do seu canto<sup>28</sup>? Que diremos do que atesta Macróbio, que os elefantes se abrandam com o

mulceri? Quid quod Plutarchus auctor grauissimus asserit tympanorum sono brutorum pleraque deliniri? Quid quod Plinius asseuerat delphinas cantu moueri? quam opinionem Pindarus etiam confirmat. Sed bruta relinquentes ad nos redeamus, et Socratem ipsum Philosophiae fontem imitemur, qui iam senex musica institui non erubescibat. Epaminondas autem Graeciae [13] princeps musica mirabiliter excelluit. Hanc et Lycurgus ipse grauissimus legum lator egregie amplexatus est. Sacrae testantur Litterae Hebraeorum regem Saulem, cum scelerum poenis agigaretur, citharae pulsu saepe delinitum fuisse. Adeo late patet musicae uis, ut agrestium et rusticorum hominum labores assiduos in colendis agris susceptos, leues et tolerabiles efficiat, illius enim dulcedine uitae asperitatem molliunt et eximii labores obliuiscuntur. Remiges cum nauem remis impellunt, ita cantu nautico excitantur, ut fatigationem non sentient. Cornua uero ac tubarum concentus in legionibus quantum ualeant ad militum animos ad pugnam incendendos explicari non potest.

Quid autem reliqua genera persequare quae sunt infinita? Nullum est enim genus hominum quantumuis ferum et inhumanum quod non se quamlibet rudi modulatione soletur. Vnde facile apparet uix esse datum aliquid utilius hominibus ad uitam sine molestia traducendam.

*Geometria*

Sed ad Geometriam perueniamus, quae Philonis sententia maximarum artium initium est et ceterarum dux, haec enim eos qui sensibus affixi sunt auellit a sensibus, et ad diuinae perennisque naturae conspectum paulatim excitat, in quo finis Philosophiae consistit. Hoc enim sibi asserit ac uindicat Geometria, ut aeternas incorporeasque substantias speculetur. Proinde praeclare a Platone dictum: “Arbitror Deum maxime γεωμετρειν, hoc est, geometriae intendere”. Siquidem et Lycurgus scriptum reliquit [14] Deum praepotentem rebus adhibere geometricam analogiam, quam nemesin siue iustitiam nuncupamus, quae nos admonet ut in rebus distribuendis (quantum quisque pro ratione dignitatis percipere debeat) diligenter aduertamus. Est enim summa iniquitas meritis non aequalibus aequalia praemia constituere, ut igitur iustitia, quae genus humanum continet, conseruetur, fuit aequitatis ratio, ut Aristoteles doctissime in *Ethicis* prodidit, a Geometriae ratione petenda. Multa et praeclara, abstrusa tamen atque recondita in illo erudito Geometriae puluere tractantur, quae animum ad naturae peruestigationem instruit, et ex multarum rerum cognitione uoluptate eximia perfundit, propter quae tanto in honore fuit haec disciplina, ut qui eam negligeret, philosophari haud quaquam posse uideretur.

Sed paulisper philosophari desinamus, et populariter manufacta recenseamus. Quidquid uel ad aspectum, pulchrum et magnificum, uel ad usum uitae commodum ac necessarium est, huius artis facultati debemus. Neque enim starent tecta urbium et moenia, nec ampla et praeclara operum monumenta, quae in templis atque theatris regum conspicimus permanerent; aut ullam

canto<sup>29</sup>? Que diremos ao que Plutarco, autor rigorosíssimo, afirma, que ao som dos tambores a maior parte dos animais se amansa<sup>30</sup>? Que diremos ao que Plínio assevera, que os golfinhos se movem ao som do canto<sup>31</sup> – opinião que também confirma Píndaro<sup>32</sup>? Mas deixemos os animais e voltemos a nós. Imitemos o próprio Sócrates, fonte da Filosofia, que, já velho, se não envergonhava de aprender música<sup>33</sup>. Por sua vez, Epaminondas, príncipe [13] da Grécia, sobressaiu na música admiravelmente<sup>34</sup>. O próprio Licurgo, legislador rigoroso, se dedicou a ela com grande brilho<sup>35</sup>. Atestam as Sagradas Escrituras que Saul, rei dos Hebreus, quando o afligia o sofrimento dos seus crimes, se apaziguava muitas vezes com o tocar da cítara<sup>36</sup>. O poder da Música estende-se tão longe que torna leves e toleráveis os assíduos trabalhos que homens agrestes e rústicos empreenderam na cultura dos campos, pois, com a sua doçura, atenuam a aspereza da vida e esquecem os trabalhos exagerados. Os remadores, quando impelem a nau com os remos, incita-os de tal modo o canto náutico que não sentem a fadiga.

Quanto vale a harmonia das cornetas e das tubas nas legiões para excitar ao combate o ânimo dos soldados não se pode declarar. Para que hei-de eu prosseguir nos restantes géneros, que são infinitos? Pois não há nenhuma raça humana, por mais feroz e desumana que seja, que não se acalme à modulação mais rude que se queira. Donde se torna evidente que escassamente terá sido dado algo de mais útil aos homens para atravessar a vida sem custo.

Mas abordemos a Geometria, que, na opinião de Filão<sup>37</sup>, é o princípio das artes maiores, e chefe das restantes, pois àqueles que estão presos aos sentidos os arranca daí e incita-os paulatinamente à contemplação da perenidade e divindade da natureza, em que consiste o fim da Filosofia. Isto se atribui e reivindica a Geometria, especular sobre as substâncias eternas e incorpóreas. Daí o ter sido dito luminosamente por Platão: «Penso que Deus, acima de tudo, γεωμετρεῖν, isto é, se aplica à Geometria»<sup>38</sup>. Pois que também Licurgo deixou escrito [14] que Deus empregava nas coisas a analogia geométrica toda poderosa<sup>39</sup>, que chamamos «némesis» ou justiça, a qual nos aconselha a atentar com diligência na distribuição das coisas (quanto deve cada um receber, em proporção com o seu valor). É, realmente, a maior das injustiças estabelecer prémios iguais para méritos desiguais, porquanto, para que a justiça, que detém o género humano, se conserve, teve de se pedir o cômputo da igualdade, como Aristóteles declarou doutissimamente na *Ética*, à proporção da Geometria<sup>40</sup>. Muitos e ilustres assuntos, mas contudo ocultos e escondidos, se tratam naquele erudito pó da Geometria<sup>41</sup>, que edificam o espírito na investigação da natureza, e, pelo conhecimento de muitas coisas, o inundam de um prazer extraordinário, motivo por que esta disciplina foi tida em tal honra que se pensava que de modo algum podia filosofar quem a desprezasse<sup>42</sup>.

Mas deixemos de filosofar por algum tempo, e passemos em revista os artefactos comuns. O que quer que haja de belo e magnífico à vista ou cómodo para utilidade da vida, ou necessário, devemos-lo ao poder desta arte. Sem ela, não estariam de pé os telhados das cidades e as muralhas, nem permaneceriam os amplos e ilustres testemunhos de feitos, que vemos nos templos e nos teatros dos reis, nem gozariam

haberent admirationem, nisi geometricis fuissent elaborata dimensionibus. Omitto pingendi fingendique artem tantis opificum ingeniis nobilitatam, quae sine Geometria constare nullo modo potest, ut nihil dicam de nauigatione, de locorum, regionum, litorum descriptione, agrorumque dimensione, [15] et aquarum deriuatione, quae omnia sine Geometriae scientia nullus animo complecti potest. Quantum illud est, quod in caelum fertur ut immensa mundi spatia astrorumque cursus et magnitudinem metiatur? Non potest enim Astrologia statum suum tenere nisi sit Geometriae praesidio munita.

*Astrologia*

Est autem Astrologiae munus, ut institutum prosequamur, non tam naturas caelestium corporum (id enim Philosophiae munus est) intueri, quam illorum conuersiones et congressiones, ortus et occasus, uariosque siderum cursus tam illorum quae fixa appellantur, quam illorum quae uulgus appellat errantia, contemplari. Quis autem tam agresti est animo aut tam auersus ab ipsa natura qui non spectaculo tantorum luminum ad aliquam eorum considerationem moueatur? Proinde Anaxagoras interrogatus cur se natum arbitraretur, respondit: "Caeli solisque uidendi causa". Siquidem admirabilis illa et incitata caelestis naturae conuersio, augustissimam nobis indicat diuinitatis potestatem; lucis clarissimae splendor, sapientiam; calor ille uim uitalem cunctis rebus impertiens, amorem. Quarum rerum cognitio tempora distinxit, aetates designauit, serendi atque fructus percipiendi maturitates edocuit; nec tantum notat ea quae praeterierunt, sed futura etiam multis in locis praenuntiat. Quocirca Beroso Astrologiae perito ob diuinas praedictiones, Athenienses publice statuam in gymnasio statuere. Nec uero Atlas caelum sustinere, nec Prometheus affixus Caucaso, aut Cepheus stellatus cum uxore, filia et genero traderetur, nisi caelestium [16] diuina cognitio ipsorum nomen ad errorem fabulae traduxisset, a quibus ducti deinceps reliqui, qui in harum rerum contemplatione studium ponebant, merito sapientes habebantur. Sulpicius Gallus olim habitus est sapiens quod in exercitu L. Pauli de Lunae defectione disseruit, ne uelut prodigio diuinitus facto militum animi terrerentur; qui nisi militum metum uicisset imperator Romanus uincere non potuisset. Sic Pericles Athenienses solis obscuratione territos, redditis eius rei causis diutius inani metu trepidare non est passus. Quid tam gloriosum quam patriam interitum sibi portendi existimantem, tanto periculo conturbatam liberare?

*Aristoteles*  
*idem*  
*de Thale*  
*I Politicorum*  
*recenset.*

Ferunt Democritum, qui tradidit ciuibus suis esse miram caelo cum terris societatem, cum praeuidisset ex Vergiliarum ortu futuram olei caritatem, omnem oleam in agro patrio coemisse; cum igitur ille solus ad arbitrium suum quidquid erat olei uenderet, ingentem pecuniam fecit. Mirantibus cunctis qui nouerant quam omnes opes contemneret, lucrum olearum dominis restituit; sibi enim satis esse, dixit, ostendere suis ciuibus sapientem facile posse ditescere, si uellet. Atque idem fecisse Sestium ciuem Romanum sapientia praestantem Athenis accepimus.

de admiração alguma, se não tivessem sido elaborados com dimensões geométricas. Já não falo da pintura e da escultura, nobilitadas pelo talento de tantos artistas, as quais de modo algum podem erigir-se sem Geometria, – para nada dizer da navegação, da descrição dos lugares e dos litorais, [15] da medição dos campos, e do desvio das águas<sup>43</sup>. Nada disso se pode compreender sem a ciência da Geometria. E quando ela se transporta para o céu, para medir os imensos espaços cósmicos, o curso e a grandeza dos astros? Com efeito, a Astronomia não pode manter o seu lugar, senão equipada pela fortaleza da Geometria.

É função da Astronomia – para prosseguirmos segundo o nosso plano – observar, não tanto a natureza dos corpos celestes (pois isso é pertença da Filosofia), como contemplar as suas revoluções e encontros, nascimentos, ocasos e os vários cursos das estrelas, tanto daquelas que se chamam fixas como daquelas que o vulgo chama errantes<sup>44</sup>. Quem há de alma tão selvagem, ou tão afastado da própria natureza, que, perante o espectáculo de tantas luzes se não sinta movido a contemplá-las um pouco? Por isso Anaxágoras, tendo sido interrogado porque supunha ter nascido, respondeu: «Com o fim de ver o céu e o sol»<sup>45</sup>. Pois que aquela admirável e tão rápida revolução da natureza celeste nos mostra o poder augustíssimo da divindade; o esplendor da luz claríssima, a sabedoria; aquele calor, que comunica a força vital a todas as coisas, o amor. O conhecimento destes factos distinguiu os tempos, assinalou as idades, ensinou a oportunidade de semear e colher os frutos; e regista não só o que já passou, mas chega a anunciar em muitos pontos o futuro. Foi por isso que os Atenienses erigiram publicamente uma estátua no ginásio a Beroso, sábio em astrologia, pelas suas divinas profecias<sup>46</sup>. Nem realmente se diria que Atlas sustenta o céu, nem que Prometeu está amarrado ao Cáucaso, nem que Cefeu está transformado em constelação com a mulher, a filha e o genro, se o conhecimento divino [16] das coisas celestes não tivesse transferido os seus nomes para o erro da fábula<sup>47</sup>. Levados por eles é que por sua vez os restantes, que puseram seu zelo na contemplação destes factos, com razão eram tidos por sábios. Outrora foi tido por sábio Sulpício Galo, porque no exército de Lúcio Paulo falou sobre os eclipses da lua, para que o espírito dos soldados se não aterrorizasse, como se ocorresse um milagre por arte divina; e, se ele não tivesse vencido o medo dos soldados, o imperador romano não teria podido vencer<sup>48</sup>. Assim Péricles não consentiu que durasse o temor dos Atenienses, aterrados com um receio vão pelo obscurecimento do sol, apresentando as causas desse facto<sup>49</sup>. Que há de tão glorioso como libertar a pátria, quando pensa que se lhe anuncia a ruína, e está perturbada por tão grande risco?

Conta-se que Demócrito, que ensinou aos seus concidadãos que havia uma admirável associação do céu com a terra, tendo previsto, pelo nascimento das Plêiades, que haveria carestia de azeite, comprou toda a azeitona no território pátrio; como, portanto, ele vendesse sozinho, à sua vontade, quanto azeite havia, ganhou muito dinheiro. Perante a admiração de quantos sabiam como desprezava todas as riquezas, restituiu aos donos o lucro das azeitonas; a si – declarou – bastava mostrar aos seus concidadãos que o sábio podia facilmente ser rico, se quisesse<sup>50</sup>. E soubemos que do mesmo modo se houve em Atenas Séstio, cidadão romano, de eminente sabedoria<sup>51</sup>.

*Astronomia*

*Aristóteles  
refere o  
mesmo acerca  
de Tales no  
livro I da  
Política*

Soleo saepe nostrorum hominum res gestas admirari, easque crebris usurpare sermonibus, nihil tamen uideo in illis ad gloriam maius, quam quod terrarum ignoratarum lustratione, noua sidera, ignotas stellas, incognitas regiones, hoc est, alios terrarum [17] orbis, quos Alexander Magnus suis uictoriis superesse dolebat, inuictis armis peragrarunt, quod profecto nunquam facere potuissent, nisi siderum obseruatione edocti fuissent. Quod igitur immensum mare nauigauerint, quod procellarum atque tempestatum discrimina non exhorruerint, quod superatis omnibus periculis, trophaea in omnibus Orientis oris constituerint, id magna ex parte astrorum cognitioni debemus.

*Grammatica*

Sed de mathematicis hactenus. Nunc eas artes quae ad sermonis rationem et ornatum pertinent attingamus, et in primis Grammaticam, quae est reliquarum fundamentum. Est enim illius munus: orationem apte contexere, sermonis puritatem, atque perspicuitatem exquirere, et ita sermonem struere, ut nihil sit in illo perturbatum et obscurum, nihil barbarum et ineptum, nihil non cohaerens et consonum. Neque tantum circa sermonis proprietatem et elegantiam uersatur, sed de historiis etiam atque poetis incorrupte iudicat, atque per omnia disciplinarum genera uagatur, qui enim grammaticam non tenuerit, reliquas disciplinas assequi nulla ratione poterit, etenim cum res non nisi per uoces cognoscantur, qui uocum uim ignorauerit, is enim in rerum cognitione plane delirabit. Est igitur necessaria pueris, iucunda senibus, dulcis secretorum comes et quae uel sola omni studiorum genere plus babeat in recessu, quam fronte promittat.

*Dialectica*

Proxima est Dialectica siue diligens disserendi ratio, modum et ordinem in ueri inquisitione [18] conseruans, uniuersis scientiis lumen praeferens, nam siue cum alio disseras, siue solus rationem ad rerum cognitionem exacuas, siue importunis hominibus obsistas, necessaria est Dialectica. Nihil summa laude dignum oratione ad auditores praeferri, uel litterarum monumentis ad posteros tradi potest absque Dialecticae praesidio. Plato tradit illum igniculum de caelo a Prometheo allatum methodum esse ratiocinandi, quo sublato esse necesse homines rursus in belluas conuerti. Quae sententia est laude dignissima; sublato enim rectae rationis usu ad quem nos instruit dialectica, quid est quod inter hominem et belluam intersit? Quanta sit illius utilitas ex hoc intelligi potest quod omnes qui illius uberibus (ut ita loquar) enutriti sunt, et ad alia deinde uitae studia se contulerint, siue Ius Ciuile colant, siue aliam quamuis disciplinam laudabilem persequantur, multo plus ex illa consequentur, quam si totum illud tempus etiam quod in Dialectica consumpserunt, sine Dialecticae opera in illa disciplina contriuisent. Ac quoniam scio plerosque eorum qui uix gustato primis labiis hoc artium instrumento, se ad ius ciuile contulerint, me manu consertum ex iure uocatuos, nempe qui negent iure consultos dialecticorum sermonibus illigari oportere, hos primum rogo et obtestor audiant quam ob rem M. Tullius Q. Scaeuolae, Seruium Sulpicium Iuris Scientia praetulerit nimirum quod

Costumo admirar muitas vezes os feitos dos nossos homens e servir-me deles em frequentes práticas, mas nada vejo neles de mais glorioso do que, atravessando terras ignoradas, terem percorrido com armas invictas novos céus, estrelas ignotas, regiões incógnitas, ou seja, outros mundos [17] da terra, que Alexandre Magno se doía de escaparem às suas vitórias – coisa que sem dúvida nunca teriam podido fazer, se não estivessem instruídos na observação do céu. Portanto, o terem navegado o mar imenso, não se terem atemorizado com a força das procelas e das tempestades, terem erigido troféus em todas as costas do Oriente, depois de vencidos todos os perigos – isso devemos-lo em grande parte ao conhecimento dos astros.

Mas basta de Matemática. Afloremos agora aquelas artes que pertencem à lógica e embelezamento da linguagem e, em primeiro lugar, a Gramática, que é a base das restantes. Esta é a sua função: ligar a oração com acerto, procurar a pureza e a clareza da linguagem, e construir de tal maneira a expressão que nada haja nela de confuso e obscuro, nada de bárbaro ou deslocado, nada de incoerente ou desarmonioso. E não trata só da propriedade e elegância da expressão, mas também julga correctamente da história e da poesia, e divaga por todos os géneros de estudos, pois quem não estiver senhor da Gramática não poderá de modo algum seguir as restantes disciplinas. De facto, conhecendo-se as coisas só pelas palavras, quem ignorar o significado delas andarás em pleno delírio no conhecimento da realidade. Ela é pois necessária às crianças, agradável aos velhos, companheira doce da solidão e até a única, em toda a espécie de estudos, que tem mais no seu interior do que promete na fachada<sup>52</sup>.

*Gramática*

Fica-lhe próxima a Dialéctica, ou maneira exacta de discorrer, que conserva medida e ordem na inquirição [18] da verdade, que traz luz a todas as ciências, pois, quer discutamos com outrem, quer, sozinhos, agucemos o entendimento para o conhecimento da realidade, quer nos oponhamos a importunos, a Dialéctica é necessária. Sem a defesa da Dialéctica, nada se pode apresentar em oração a ouvintes, ou legar aos vindouros em monumento literário, que seja digno dos maiores elogios. Platão refere que aquela centelha trazida do céu por Prometeu é o método do raciocínio<sup>53</sup>, tirado o qual forçoso é que os homens se convertam novamente em animais. Sentença que é muito digna de louvor: pois, tirando o uso da recta razão, em que a Dialéctica nos instrui, que há aí que fique entre o homem e o animal? Quanta é a sua utilidade, pode depreender-se do facto de que todos aqueles que, por assim dizer, se nutriram dos seus úberes e depois se voltaram para outros estudos da vida, quer cultivem o Direito Civil, quer se dediquem a qualquer outra louvável disciplina, conseguem com aquela muito mais do que se tivessem gasto nessa disciplina, sem o auxílio da Dialéctica, todo aquele tempo que consumiram com esta. E, já que sei que a maioria daqueles que, depois de mal provarem com a extremidade dos lábios este instrumento das artes, se voltaram para o Direito Civil, me chamarão a capítulo, e que, é claro, negarão a conveniência de os jurisconsultos se enredarem nos discursos dos dialécticos, a esses em primeiro lugar lhes peço e os intimo a ouvir por que razão Marco Túlio preferiu, a Quinto Cévola, Sérvio Sulpício, nas Ciências Jurídicas:

*Dialéctica*

ea arte esset instructus, quae docet rem uniuersam tribuere in partes, [19] latentem explicare definiendo, obscuram explanare interpretando, ambiguam primum distinguere deinde adhibere regulam qua uera et falsa iudicantur, et quae quibus propositis essent, et quae non essent consequentia. Hic enim attulit hanc artem omnium artium maximam, quasi lucem ad ea quae ab aliis confuse aut agebantur, aut respondebantur, aut igitur negemus quicquam ratione confici, cum contra nihil sine ratione fieri possit, aut cum Dialectica ex rationum collatione constet. Ab ea, si docti esse uolumus, adiumenta et auxilia petamus.

*Eloquentia*

Succedit Eloquentia, quae est in disserendo finitima Dialecticae; sed funditur latius et uberius. Haec ab aliis artibus cum accipit quod est necessarium, sic excolit acceptum, ut illo instructu et apparatu orationis nihil fieri possit admirabilius. Huius officium est: animos sic tractare, ut modo excitet, modo perfringat, modo irrepat in sensus, inserat nouas opiniones, euellat insitas cursu magno, ac sonitu feratur. Huius praeceptis (ut paucis multa complectar) erudimur, ut humilia presse, mediocria temperate, grauiua sublimer dicere possimus, et ad quodcumque decuerit, sic accommodare orationem, ut prudenter, ornate, composite, memoriterque dicamus cum quadam etiam actionis dignitate, ut in quo habitu intus et quibus copiis ornatus fuerit animus, talem eum extra efferat et repraesentet oratio. Quae ex rerum cognitione [20] efflorescat et redundet necesse est. Qua nihil potest esse nec suauius, nec utilius, nec magnificentius. Quid enim esse potest iucundius oratione multis luminibus illustrata? Quid utilius quam opem ferre supplicibus, excitare afflictos, dare salutem, liberare periculis, retinere homines in ciuitate? Quid magnificentius quam habere opes quibus et terrorem hostibus incutias, amicis salutis spem ostendas, ciuitates uniuersas in tuam sententiam trahas, atque, ne plura dicam, in eo quo homines reliquis animantibus praestant, inter homines ipsos excellas?

Haec sunt quae non humana ui fieri, sed diuinum esse quiddam homines putent, eaque de causa tantum honorem ad eos deferant quos uident esse eloquentia praestantes. Vt enim omittam duo illa dicendi fulmina Demosthenem et Ciceronem, quorum gloria passim ubique terrarum celebratur, nonne Valerii eloquentiae ira populi Romani furor arma cesserunt? Qui nisi facundis uerbis populum Romanum noua et insolita libertate temere insultantem ad meliora consilia reuocasset, et Senatui subiecisset spes tanti imperii in ipso paene suo ortu concidisset. Quam disertum fuisse M. Antonium creditis quem ne hostium quidem quisquam occidere sustinuit qui modo uocem eius ad aures suas uoluit admittere? Nonne Pisistrato Athenienses regium imperium oratione ipsius capti permiserunt? Cum praesertim Solon patriae amantissimus clamaret, ne prudentissima ciuitas libertati seruitutem [21] praeferret? Et Pericles nonne in animis

sem dúvida porque era instruído nessa arte, que ensina a dividir em partes o todo, a explicar o oculto, definindo, [19] a explanar o obscuro, interpretando, a distinguir primeiro o que é ambíguo, depois a aplicar a regra, pela qual se julga a verdade e a falsidade, e as consequências que se podiam ou não tirar, propostos esses temas. Esse, portanto, apresentou esta arte como a maior de todas, por assim dizer, como a luz para aquelas coisas que os outros tratavam ou refutavam confusamente<sup>54</sup>. Por conseguinte, ou negaremos que qualquer coisa se possa fazer pela razão, quando, ao contrário, nada se pode fazer sem a razão, ou ela se forma da reunião do raciocínio com a Dialéctica. Peçamos-lhe ajuda e auxílio, se quisermos ser doutos.

Segue-se a Eloquência, que é, no discorrer, vizinha da Dialéctica; mas derrama-se mais larga e abundantemente. Esta, recebendo das outras artes o que é necessário, aperfeiçoa de tal maneira o que recebeu, que nada se pode fazer de mais admirável do que aquela construção e aparelhagem da oração. É sua atribuição tratar de tal modo os espíritos que ora os excita, ora os abate, ora se introduz subrepticamente nos sentidos, incutindo-lhes novas opiniões, arranca precipitadamente as que lá tinham germinado<sup>55</sup> e é arrastada pelo som. É nos seus preceitos (para abranger muito em poucas palavras) que somos instruídos, para podermos exprimir as coisas insignificantes com brevidade, as médias com sobriedade, as graves com elevação – e acomodar o discurso às conveniências, de modo que falemos com clarividência, com elegância, com ordem e de cor, e também com um certo decoro na actuação, para que, tal como o espírito é de conformação interna e com os recursos de que é dotado, assim exteriormente o produza e o represente a oração<sup>56</sup>. Esta deve, necessariamente, [20] florescer e abundar em conhecimentos dos factos<sup>57</sup>. Nada pode ser nem mais suave, nem mais útil, nem mais magnífico do que ela. Pois que pode ser mais agradável do que a oração ilustrada com muitas luzes? Que de mais útil que dar auxílio aos suplicantes, reanimar os aflitos, salvar, libertar dos perigos, manter os homens no seu país<sup>58</sup>? Que de mais magnífico do que ter recursos com que se incuta terror aos inimigos, se mostre esperança de salvação aos amigos, se arrastem cidades inteiras para a nossa sentença, e, para não dizer mais sobre aquilo em que os homens estão acima dos outros seres animados, evidenciar-se entre os próprios homens<sup>59</sup>? Eis porque os homens julgam que não vem do poder humano, mas é algo de divino, e por esse motivo tributam tanta honra àqueles que vêm ser grandes na Eloquência. Pois, para omitir aquelas duas centelhas da arte de dizer, Demóstenes e Cícero<sup>60</sup>, cuja glória se celebra em toda a parte do mundo, acaso não foi perante a eloquência de Valério que a ira e furor do povo romano depuseram as armas? E, se não fosse ele ter chamado com palavras eloquentes o povo romano, audaciosamente insolente na sua nova e insólita liberdade, e se não o tivesse submetido ao Senado, ruiaria a esperança de um tão grande império, quase ao nascer<sup>61</sup>. Acreditais quão facundo foi Marco António, que um dos inimigos nem sequer tomou o encargo de o matar, porque pouco antes quis receber-lhe a voz nos seus ouvidos<sup>62</sup>? Acaso os Atenenses não concederam a Pisístrato o poder real<sup>63</sup>, presos da sua oração? Quando de mais a mais Sólon, tão amante da sua

*Eloquência*

eorum qui ipsum audiebant quasi aculeos quosdam relinquebat? Hegesias Cyrenaeus sic damna uitae oculis subiiciebat ut audientes in appetendae mortis cupiditatem prouocaret, ex quibus perspicuum uideri debet oratorem esse moderatorem animorum.

Atque hae sunt artes quas liberales uocamus, ac homine libero dignas, praeclaras uirtutis ac sapientiae ministras, quibus animus ad optima quaeque instruitur; e quibus honor et gloria comparatur. Humanitatem huiusmodi studia appellarunt ueteres, iudicantes nimirum harum disciplinarum studio non linguam tantum expoliri, sed et feritatem barbariemque ingeniorum deponi. Maxime uero ad liberalem institutionem ingeniorum pertinere uidetur (quae non exigua prudentiae pars est) linguarum cognitio. Patent enim Linguae Graecae peritis, fontes omnium scientiarum quae a Graecis emanarunt, illorum enim ingeniis et studiis omnes disciplinas debemus; ea autem de causa Latini scriptores post Ciceronis tempora ita uel studiosi fuerunt Graecorum uel Graecorum studiorum ostentatores, ut eorum maximam partem ad se transtulerint, et qui alteram linguam sine altera percepisset, debile quiddam et mancum adeptum fuisse eum iudicarent. Sic etiam Prophetas minus intelligemus nisi Hebraicum sermonem (quo illi uti fuerunt) probe teneamus.

[Linguarum  
cognitio]

Hoc in loco uenit in mentem mihi, praecipitem quorundam in studiis et intempestiuam celeritatem [22] uituperare. Video enim plerosque relicto humanitatis studio ad grauiora, ut uocant, disciplinarum genera properantes, discendi laborem augere et incommodius omnia tractare, qui cum uix sint primis rudimentis imbuti, sese ad optimas quasque et grauissimas disciplinas conferentes, minimum ex illis emolumentum consequuntur, quod si suo quaeque ordine aggredierentur, bone Deus, quanto rem facilius gererent! Non tamen is ullo modo sum, qui semper his haerendum censeam, quamuis enim sint honesta studia, sic tamen ut ad alia grauiora dirigantur. Tum demum igitur erunt laudabilia, si ingenium praeparent, non detineant; tam diu itaque istis immorandum puto quamdiu animus nihil maius agere potest.

Ad altiorem igitur grauioremque uel Iuris Ciuilis, Pontificumque Sanctionum, uel Medicinae ac sacrosanctae Theologiae facultatem nos conferamus. Quae dum studiose molior, quaeso obtestorque uos, auditores, ut uestra benignitas meam adiuuet industriam.

A Iure Ciuili primum exordiamur, quod et ipsum disciplinae genus a mediis humanitatis artibus deriuatum sit; et ueterum iure consultorum litterae plenae sint priscae ueraeque eruditionis. Est autem Ius Ciuile, ut inquit Ulpianus, diuinarum atque humanarum rerum notitia, iusti atque iniusti scientia. Nam iuris peritus teste Cicerone unus omnia paene profitetur, ut is qui studeat omnium rerum naturam causasque nosse; et omnem [23] praeterea uitae

[Ius Ciuile]

pátria, clamava que uma cidade esclarecidíssima não preferisse a escravatura [21] à liberdade<sup>64</sup>? E acaso não deixava Péricles uma espécie de agulhões no espírito dos que o ouviam<sup>65</sup>? O cirenaico Hegésias de tal modo apresentava aos olhos os danos da vida que provocava nos ouvintes o desejo de apeteecer a morte: donde se vê claramente que o orador deve ser moderador dos espíritos<sup>66</sup>.

Estas são as artes a que chamamos liberais e dignas do homem livre, ilustres pela sua virtude e servidoras da sabedoria; pelas quais se edifica o espírito no que de melhor há, e donde se obtém honra e glória. A estudos deste teor chamaram os antigos Humanidades<sup>67</sup>, pensando certamente que pelo estudo destas disciplinas não só se polia a língua, como também se depunha a selvajaria e barbárie das inteligências. Com efeito, parece pertencer acima de tudo à instrução liberal das inteligências (que é parte não pequena da sabedoria) o conhecimento das línguas. É que estão patentes aos conhecedores da Língua Grega as fontes de todas as ciências, que dos Gregos derivaram, pois é ao seu engenho e estudo que devemos todas as disciplinas; é por essa razão que os escritores latinos, desde o tempo de Cícero, a tal ponto estudaram o Grego, ou exibiram os seus estudos gregos, que traduziram para si a maior parte deles e julgavam que quem percebesse uma língua sem a outra estava de posse de coisa bastante débil e incompleta<sup>68</sup>. Do mesmo modo, não entenderemos os Profetas, se não soubermos bem a Língua Hebraica, de que eles se serviram.

[Conhecimento das línguas]

Neste ponto veio-me à ideia censurar a velocidade precipitada e intempestiva de alguns [22] nos estudos<sup>69</sup>. É que eu vejo muitos, ao deixarem o estudo das Humanidades, com pressa de géneros de disciplinas mais importantes, como eles dizem, aumentarem o trabalho da aprendizagem e tratem tudo inconvenientemente, quando, mal imbuídos dos primeiros rudimentos, se voltam para as melhores e mais importantes de todas as disciplinas e conseguem delas o mínimo proveito, ao passo que, se avançassem na sua ordem, meu Deus, quanto mais facilmente se haveriam! Contudo, não sou de modo algum pessoa que entenda que se deva estar sempre preso a estes estudos, conquanto sejam honrosos, mas sim de modo a serem dirigidos para outros de mais peso. Só então serão louváveis, se prepararem a inteligência, e não a detiverem; e assim, entendo que se devem demorar neles o tempo de o espírito nada poder fazer de maior.

Voltemo-nos, portanto, para as faculdades mais altas e de mais importância, quer seja a de Direito Civil, Canónico, Medicina, ou a da sacrossanta Teologia. E, enquanto me ocupo cuidadosamente delas, peço-vos, suplico-vos, a vós que me escutais, que a vossa benevolência auxilie o meu esforço.

Comecemos em primeiro lugar pelo Direito Civil, porque o próprio género da disciplina teve origem no meio das artes humanísticas; e a literatura dos antigos juristas está cheia de antiga e verdadeira erudição. O Direito Civil é, como disse Ulpiano, o conhecimento das coisas divinas e humanas, a ciência do justo e do injusto<sup>70</sup>. Na verdade, quem é perito em Direito, no testemunho ciceroniano, é o único que ensina quase tudo, a ponto de aquele que se esforçar por conhecer a natureza e as causas de

[Direito Civil]

rationem tenere et persequi unus hoc nomine dignus appelletur. Ille igitur est iuris peritus qui sempiternam legem sequitur. Est enim quaedam lex non scripta, nec hominum ingeniis excogitata, quae uniuersam naturam continet, aeterna quadam imperandi, prohibendique potestate. Haec est mens omnia ratione aut imperantis aut uetantis Dei; reliquae uero leges tum merito hoc nomen obtinebunt, cum ad illam antiquissimam et rerum principem legem expressae fuerint, atque promulgatae ab hominibus ad societatem et uitae communionem conseruandam, ut supplicio improbos afficiant, defendant autem ac tueantur bonos. Sontes enim incommodis, carceribus, contumeliis, uerberibus, exiliis, morte coercent, bonos autem honoribus afficiunt. Docemur itaque auctoritate legum domitas habere libidines, coercere cupiditates, nostra tueri ab alienis, mentes, oculos, manus abstinere; nihil denique alteri facere, quod nobis factum nollemus. Hoc enim fuit propositum optimis legum latoribus, ut eas leges ferrent quibus homines honeste beateque uiuerent; eas uero ad eam legem quam diximus accommodarunt, quae est ratio summa insita in natura, quae iubet ea quae facienda sunt, prohibetque contraria. Quod porro de Iure Ciuili censeam (quandoquidem id maxime ad nostrum hoc institutum pertinet) malo Ciceronis uerbis quam meis respondere: «Omnia sunt posita ante oculos, collocata in usu quotidiano, in congressione hominum [24] atque foro; neque ita multis litteris ac magnis uoluminibus continentur. Eadem enim sunt lata primum a pluribus, deinde paucis commutatis uerbis etiam ab iisdem scriptoribus scripta sunt saepius. Accedit uero quo facilius percipi cognoscique possit Ius Ciuile, quod minime plerique arbitrantur, mira quaedam in cognoscendo suauitas et delectatio. Nam si quem haec aliena studia delectant, plurima est in Iure Ciuili et pontificum libris, et in Duodecim Tabulis antiquitatis effigies, quod et uerborum prisca uetustas cognoscitur, et actionum genera quaedam maiorum consuetudinem uitamque declarant.»

Coniunctum Iuri Ciuili est Ius illud Diuinum a Summis Pontificibus latum, quod ius qui intuetur, statim agnoscit communem omnium mortalium beneuolentiam, integritatem, caritatem, amorem proponi et nobis commendari. Hoc ius primum appellari debet, praeclarum Dei opus. Quod qui uiolat, quid aliud agit quam contra Deum more gigantum pugnat? Perhorrescant igitur huius tam sancti iuris uiolatores, et sibi horrenda supplicia in Tartaro parari intelligant, quo loco uoluitur manus diuis et piis hominibus inuisa, contra religionem bellum ausa suscipere. Voluitur Ixionis rota Martinus Luter, lues unica totius Ecclesiae Romanae. Proinde sibi caueat Melanchthon ipsius improbus sectator, et uelut atriensis seruus. Tarda Dei est ira, sed tarditatem grauitate supplicii compensat. Audiet procul dubio, nisi ab instituto [25] plane discedat, Furiam uoce magna exclamantem: «Discite iustitiam moniti, et non temnere diuos». Nam sequitur superbos ultor a tergo Deus.

todos os fenômenos, e, além disso, [23] compreender e atingir completamente a vida, ser o único digno de ser chamado por esse nome<sup>71</sup>. É, portanto, sabedor de Direito quem segue a lei sempiterna. É que existe uma certa lei, não escrita, nem descoberta pela inteligência humana, que contém toda a natureza, com uma espécie de poder eterno de ordenar e de proibir. Este é o pensamento de Deus, que tudo manda ou impede pela razão<sup>72</sup>; enquanto as restantes leis só obterão de direito este nome, na medida em que forem articuladas segundo aquela antiquíssima lei, princípio das coisas, e promulgadas pelos homens para conservação da sociedade e comunidade da vida, para supliciar os desonestos, mas defender e proteger os bons<sup>73</sup>. Pois aos culpados castigam-nos com agravos, prisões, chicotadas, exílio e morte, enquanto aos bons, acumulam-nos de honras. Aprendemos assim, pela autoridade das leis, a ter as paixões refreadas, a dominar os desejos, a defender dos outros as nossas coisas, a abster-nos de pensamento, olhos e mãos<sup>74</sup>; finalmente, a nada fazer a outrem que não queríamos que nos fizessem. Este foi o propósito dos melhores legisladores, apresentar leis com que os homens vivessem com honra e felicidade; mas acomodaram-nas àquela lei que dissemos, que é a suprema razão gravada na natureza, que manda o que se deve fazer e proíbe o contrário<sup>75</sup>. De resto, quanto ao que eu penso do Direito Civil (pois que ele pertence acima de tudo ao nosso programa) prefiro responder com as palavras de Cícero, a fazê-lo com as minhas: «Todas as coisas estão diante dos olhos, situadas na prática quotidiana, em assembleias humanas [24] e no foro; e nem por isso se contêm em muitas letras e grandes volumes, pois as mesmas coisas foram primeiro propostas por vários, depois, mudando poucas palavras, foram também redigidas bastantes vezes pelos mesmos escritores. Acresce que muito facilmente se pode perceber e conhecer o Direito Civil, coisa que não supõe a maior parte das pessoas. Há um tal ou qual encanto e prazer admirável em conhecê-lo, porquanto, se a alguém deleitam estoutros estudos, abundante é a representação da Antiguidade no Direito Civil, quer nos livros dos pontífices, quer nas Doze Tábuas, pois se fica a conhecer a remota vetustez das palavras, e certas espécies de processos de os antepassados esclarecerem seus hábitos e estilo de vida»<sup>76</sup>.

Está ligado ao Direito Civil aquele Direito Divino proposto pelos Sumos Pontífices, direito que, quem o observar, logo reconhece que estabelece e nos recomenda a benevolência comum com todos os mortais, a integridade, a caridade, o amor. Este direito deve chamar-se primacial. É obra ilustre de Deus. Quem o violar, que mais faz do que lutar contra Deus, à maneira dos gigantes<sup>77</sup>? Estremeçam portanto os violadores deste tão Santo Direito, e compreendam que horrendos suplícios se lhes preparam no Tártaro, lugar em que se agita a mão, odiosa aos seres divinos e aos homens piedosos, que ousou empreender uma guerra contra a religião: agita-se na roda de Ixíon Martinho Lutero, peste sem par de toda a Igreja Romana. Por isso se acautele Melanchthon, seu malvado sectário, espécie de intendente dele. A ira de Deus é tardia, mas compensa a lentidão com a gravidade do suplício. Ao longe ouvirá sem dúvida, a não ser que se afaste inteiramente [25] do seu propósito, a Fúria exclamando em voz forte: «Aprendeis com este aviso a ser justos e a não desprezar os deuses»<sup>78</sup>. Pois Deus vai atrás dos soberbos para exercer vingança.

Luce clarius est, id quod ante oculos ex iis est, quae dicta sunt: et Ius Ciuile et Diuinum, sua sponte esse expetendum, etenim omnes uiri boni ipsam aequitatem, et ius ipsum amant. Porro si quis fragilitatis humanae remedia summa cura inuestiganda putat, intelligat uix utilius quicquam Medicina ad hominum conseruationem rerum naturam produxisse, quae una artium imperatoribus quoque imperat, a quibus (ut inquit Plinius) maxime fuit celebrata, ut credi par sit eam studiorum partem diligentius et accuratius custoditam, utpote qui scirent, illam humanis usibus pernecessariam; neque enim magis alimenta agricultura sanis corporibus quam aegris sanitatem Medicina promittit. Cuius multos ex sapientiae professoribus peritos fuisse accepimus, a quibus in tres partes deducta est, unam quae uictu, alteram quae medicamentis, tertiam quae manu mederetur, *διαιτητικήν, φαρμακευτικήν, χειρουργικήν* Graeci nominauerunt. Atque huius inuentores deos credidit antiquitas, nam et Apollo eam his uerbis sibi arrogat:

Inuentum Medicina meum est, opifexque per orbem  
Dicor, et herbarum subiecta potentia nobis.

Q. Serenus ipsum inuocans:

[26] Phoebe salutiferum, quod pangimus, assere carmen,  
Inuentumque tuum prompto comitare fauore.  
Tuque potens actis reduces qui tradere uitas  
Nosti, atque in caelum manes reuocare sepultos,  
Huc ades [ .....

Et Aesculapius, uetustissimus auctor, quoniam adhuc rudem et uulgarem hanc scientiam excoluit, in deorum numerum antiquitatis opinione receptus est. Quis enim tam prope ad Deum uitae datorem accedit, quam medicus? Nam ut ille uitam concedit ac largitur, ita hic datam tuetur et fugientem retinere conatur, proinde Homerus:

*ἱητρός γάρ ἀνὴρ πολλῶν ἀντάξιος ἄλλων.*

Quo auctore morbi ad iram deorum relati fuerunt, ac proinde ab iis opem posci solitam scimus. Age uero, praemia artis postulas; Erasistratus, inquit Plinius, Aristotelis filia genitus, Antiocho rege a morbo confirmato, C. talentis donatus est a rege Ptolomaeo filio eius. Multos praetereo medicos percelebres, quibus ccl. HS. annua mercede apud principes fuere. Q. Stertinius obiecit principibusque HS. quingenis contentus esset, sexcena enim sibi quaestu urbis fuisse numeratis domibus ostendebat.

Segundo aquilo que se afirmou, torna-se mais claro do que a luz o que fica diante dos olhos: que o Direito Civil e o Divino se devem buscar espontaneamente, pois todos os homens bons amam a equidade e o direito em si. Mas, se alguém julga que se devem investigar com a máxima aplicação os remédios da fragilidade humana, entenda que a natureza dificilmente terá produzido algo de mais útil para a conservação dos homens do que a Medicina, única das artes que impera também aos imperadores, pelos quais (segundo diz, Plínio)<sup>79</sup> foi altamente celebrada, a ponto de se poder acreditar que essa parte dos estudos está mais diligente e cuidadosamente guardada, como se soubessem que é extremamente necessária aos humanos usos; nem a agricultura garante mais os alimentos aos corpos sãos do que a Medicina saúde aos doentes. Nesta sabedoria consta-nos ter havido muitos peritos, dentre os professores; foram eles que a dividiram em três partes, uma que dava remédio com a alimentação, outra com medicamentos, a terceira com a mão – chamaram-lhe os Gregos *διαιτητικήν, φαρμακευτικήν, χειρουργικήν*<sup>80</sup>. A Antiguidade acreditou que os seus inventores foram deuses<sup>81</sup>, pois também Apolo a atribui a si com estas palavras:

Minha é da Medicina a invenção, e pelo mundo  
Seu autor sou; das ervas o poder me é sujeito<sup>82</sup>.

Quinto Sereno, invocando o mesmo:

[26] Febo, ampara o carne salutífero que escrevemos.  
Com solícito favor acompanha o teu invento.  
E tu, ó deus de acção poderosa, que sabes restituir  
A vida, e erguer até ao céu sepultos manes,  
Vem à nossa presença<sup>83</sup> [.....]

Esculápio, vetustíssima autoridade, porque aperfeiçoou esta ciência, até então rude e vulgar, foi recebido, na opinião da Antiguidade, no número dos deuses. Na verdade, quem se acercou de tão perto de Deus, que dá a vida, como o Médico? Pois, assim como Ele concede a vida e a dá generosamente, assim este, uma vez dada, a protege e se esforça por a reter, quando vai a fugir, donde o dito de Homero:

*ιητρος γαρ ανηρ πολλων ανταξιος αλλων*<sup>84</sup>.

Foi sob a sua autoridade que as doenças foram referidas à ira dos deuses, e por isso sabemos que se lhes pede o auxílio habitual. Mas vejamos – pergunta-se pelas recompensas da arte? Erasístrato, nascido de uma filha de Aristóteles, diz Plínio, estando o rei Antíoco fortalecido da sua doença, foi presenteado com cem talentos pelo rei Ptolomeu, seu filho<sup>85</sup>. Passo à frente muitos médicos celebérrimos, que tiveram junto de príncipes a remuneração anual de trezentos e cinquenta sestércios. E Quinto Estertínio obtemperou aos príncipes que se contentava com quinhentos sestércios, pois mostrava que auferia da cidade seiscentos de cada vez, feito o cômputo das

Quanta uero Critobuli fama fuit extracta sagitta ex oculo Philippi regis, et citra oris deformitatem curata orbitate luminis? Atque ut hunc quoque locum Sanctae Scripturae testimonio concludam: «Altissimus creauit de terra Medicinam, et uir prudens non abhorret illam».

*Theologia*

[27] Vnum ac ultimum superest, auditores, sapientiae Christianae genus, ad quod explicandum non optarim iam Tullianam eloquentiam, quae si tantae disciplinae magnitudinem reputemus, plane obmutescet, et oppressa stupore omnino silebit; quantum enim inter Christi sapientiam et humanam interest, tantum inter Christianam et humanam eloquentiam intersit, opus est. Quid igitur faciemus, auditores humanissimi? Eam rem quam propter illius diuinam amplitudinem nulla dicendi ratio explicare potest, omitemus? At id esset impium scelus, de artibus humanis disputare, diuinam uero silentio praeterire; quo si ad tantam altitudinem aspirare nullo modo possumus, saltem id quod poterimus efficiemus. Accedit quod haec sanctissima disciplina orationis ornamenta non flagitat, mendacium enim ornare solemus, ut specie placeat aliena, et auditores facilius credant capti orationis ornatu lenocinioque uerborum.

At Christi ueritas simplex, et nuda nullis additis extrinsecus ornamentis luculentior atque ornatio omni eloquentia per se est. In iudicii itaque contentione, opulenta facundia uolubili ambitione iactetur; cum de Domino et Deo uox est, uocis pura sinceritas non eloquentiae uiribus nititur ad fidei argumenta, sed rebus. Denique a sacrosancta Theologia accipiemus non diserta, sed fortia, nec ad audientiae popularis illecebram culto sermone fucata, sed ad praedicandam indulgentiam rudi [28] ueritate simplicia. Haec illa est sapientia, quam Pythagoras humano ingenio teneri non posse intellexit, cuius tamen se studiosum profitebatur. Haec illa est, in qua tantopere philosophi ueteres abiectis rebus familiaribus, et uoluptatibus elaborauerunt; sed nec adepti sunt quod uolebant, et operam simul atque industriam perdiderunt. Quia ueritas, hoc est summi Dei uerbum, humanis nequit comprehendi sensibus, maior enim est Deus praepotens, quam ut illius consilia et dispositiones humana consequatur cogitatio. Verum non est passus misericors Deus, ueritatis ac sapientiae lumen requirentes diutius oberrare, se nobis conspiciendum exhibuit, ut illo duce religionem, fidem coleremus, et immortalitatem consequeremur; et ut nos uera ista sapientia instrueret (quae natura sua infinita est et incomprehensa) Sanctissimae Virginis utero sese inclusit, ut inde exortum lumen suum in omnes gentes diffunderet. O humilem sublimitatem et sublimem humanitatem, quam si quis dicendo uelit complecti, stultius meo iudicio egerit, quam si conetur uniuersum mare cyatho continere. Verum nos, ut ipse se contraxit, orationem quoque de ipsius laudibus, quae nullis finibus circumscribi possunt, contrahamus necesse est, ipsumque corde potius, quam lingua complectamur, et imitemur, ut per ipsum aliquando immortalis felicitate fruamur. Tradamus nos in primis

casas<sup>86</sup>. Quanta não foi, realmente, a fama de Critobulo, por ter extraído uma seta de um olho do rei Filipe, e, sem deformação do rosto, lhe ter curado a cegueira<sup>87</sup>? E, para encerrar também este ponto com um testemunho da Sagrada Escritura: «O Altíssimo criou da terra a Medicina, e o varão prudente não se afasta dela»<sup>88</sup>.

[27] Uma única e última coisa resta, ouvintes, o ramo da Sabedoria Cristã. Para a explicar, não desejaria já a eloquência tuliana, que, se atentarmos na magnitude de tão grande disciplina, emudecerá completamente e de todo se calará, oprimida pelo espanto; pois quanta é a diferença entre a sabedoria de Cristo e a dos homens, tanta é forçoso que exista entre a eloquência cristã e a humana. Que havemos pois de fazer, cultíssimos ouvintes? Havemos de omitir este assunto, que, pela sua divina amplitude, nenhum estilo oratório pode desenvolver? Mas seria um crime ímpio, dissertar sobre as humanas artes, e passar a divina em silêncio; por isso, se não podemos de modo algum aspirar a tanta altitude, realizaremos ao menos aquilo que estiver no nosso poder. Acresce que esta santíssima disciplina não pede ornatos oratórios, pois costumamos enfeitar a mentira, para agradar com a alheia forma, e os ouvintes acreditarem mais facilmente, presos dos enfeites do discurso e do artifício das palavras. Enquanto que a verdade de Cristo é simples, e nua, sem se acrescentarem externamente adornos alguns, e, por si, mais esplendorosa e adornada do que toda a eloquência. E assim, nos conflitos jurídicos, que se agite uma opulenta facúndia numa pompa volúvel; quando a fala é do Senhor e de Deus, a pura sinceridade da voz não se apoia nas forças da eloquência para os argumentos da fé, mas em factos. Finalmente, aprenderemos da Sacrossanta Teologia não verdades eloquentes, mas fortes, e não tintas de cuidada exposição, para seduzir o auditório popular, mas simples, para pregar a indulgência [28] com a rude verdade. É esta aquela sabedoria que Pitágoras entendeu não se poder possuir pelo engenho humano, mas de que contudo se declarava estudioso<sup>89</sup>. Esta é aquela à qual com tanto trabalho se aplicaram os antigos filósofos, desprezando o seu património e os prazeres; mas não alcançaram o que queriam, e perderam a um tempo o trabalho e a habilidade. Porque a verdade, isto é, o Verbo do Deus supremo, não pode ser apreendida pelos sentidos humanos, pois o poder de Deus é demasiado grande para a inteligência dos homens atingir os seus desígnios e disposições. Mas a misericórdia de Deus não sofreu que errássemos mais tempo à procura da luz da verdade e da sabedoria, e mostrou-se à nossa vista, para, sob a sua direcção, cultivarmos a religião e a fé, e alcançarmos a imortalidade; e, para nos instruir nesta verdadeira sabedoria, que por sua natureza é infinita e incompreensível, se incarnou no ventre da Santíssima Virgem, para difundir a sua luz, daí nascida, por todos os povos. Ó humilde sublimidade, e sublime humildade, que, se alguém a quisesse abranger pela palavra, procederia mais estultamente, a meu ver, do que se tentasse conter numa taça o mar inteiro! Mas, assim como Ele se reduziu, temos nós por força de reduzir também a oração sobre os Seus méritos, que não podem ser circunscritos por limites nenhuns, e de O abrangermos e imitarmos mais com o coração do que com a língua, a fim de por Ele gozarmos um dia de felicidade imortal. Demo-nos primeiro a educar àqueles quatro

*Teologia*

saluberrimis 4 illis ducibus [29] instruendos. Quibus si te dederis, quamuis sis iracundus, maledicus, effraenatus, Dei uerbis te ab uitiiis abstractum ad studia uirtutis et religionis inflammabunt. Haec est enim uerbi diuini uis, ut animos facile a prauitate uitae ad pietatem conuertat. Videbis enim cupidos, auaros tenaces, illico liberales ac uendentes possessiones et pretia ad usum pauperum conferentes, timidos et paruo animo praeditos cernes ultro se in ignes et cruces obiicientes; cernes eos, qui antea adulteriis et innumeris flagitiis erant inquinati, incredibili puritati et sanctimoniae commendatos; qui erant crudeles ac sanguinis appetentes benignitatis gloria praestare; atque, ne plura persequar, omnia uitia uno lauacro non modo aboleri, sed sobrietatem, castitatem, continentiam, clementiam, aequitatem, prudentiam, et reliquas uirtutes omnes Christi beneficio in animos illi dedicatos conferri. Gratis et cito fiunt ista, modo pectus sapientiam sitiatur, et aures pateant; aures uidelicet, quas Christus in Euangelio requirit: «Qui habet, inquit, aures ad audiendum, audiat.» Veniant ergo qui esuriunt, ut caelesti cibo saturati in posterum famem non sentiant. Veniant qui sitiunt, ut aquam e caelesti perennique fonte salutarem hauriant. Hoc cibo atque potu et caeci uidebunt, et surdi audient, et claudi ambulabunt, et muti loquentur, et aegroti ualebunt, et stulti sapient, omnia namque bona ex [30] hoc sanctissimo fonte cunctis mortalibus pietatem sitientibus emanant. Hinc enim omnis uirtus atque sapientia profluit quae nos immortales efficiunt, sapientia id praestat ut intelligamus quo modo ad caelestem gloriam peruenire possimus; uirtus ut perueniamus. Sapere est Deum nosse, uirtus ipsum colere; et in colendo sapere debemus, id est scire quid nobis et quomodo sit colendum; et in sapiendo colere, id est re et actu, quod scierimus, adimplere. Neque uirtus a sapientia separari debet, nec a uirtute sapientia secerni. Atque haec sunt quae nos certa solidaque ducunt uia, quaeque omni discussa caligine sequentem se non falli, non excidere patiuntur.

Aperuimus tandem, auditores, fontes unde haurire possitis atque itinera omnia scientiarum demonstrauiimus; quarum si dignitatem per singula uoluissim explicare, non modo dies, sed profecto annus dicentem deficeret. Vnum addam tantum, ac uere illud mihi dicturus uideor: nescio an hominum torpore, an uero armorum furore, haec omnia artium genera diu multumque barbarie opprimente in tenebris iacuisse, donec reges rem hanc tam praeclaram ad sese transtulerunt, atque his studiis usque adeo fuerunt delectati ut in maximis occupationibus suis, tamen audire quotidie aliquid ex Litteris, discere ex eruditorum sermonibus gauderent; qua quidem in re magna regum Galliae semper fuit laus, qui in suo regno [31] doctissimis professoribus stipendia numerantes, fontes bonarum Litterarum apparuerunt; ac ueteres lacunas extergentes, litteras pure ac liquide fluere fecerunt.

salubérrimos [29] guias. Quem se entregar a eles, por mais irascível, maldizente e desregrado que seja, inflamá-lo-ão no zelo da virtude e da religião, já arrancado aos vícios pela palavra de Deus. É este, com efeito, o poder do Verbo Divino, converter facilmente as almas, dos vícios da vida, à piedade. Ver-se-ão realmente os ambiciosos e avarentos tenazes, de repente, liberais e a vender as suas possessões e a entregar o preço para uso dos pobres; distinguir-se-ão os tímidos e os dotados de pequena coragem a lançarem-se às chamas e às cruces; ver-se-ão aqueles que antes estavam manchados por adultérios e crimes inúmeros recomendar-se pela sua incrível pureza e santidade; os que eram cruéis e ávidos de sangue, salientarem-se pela glória da sua bondade; e, para não ir mais longe, não só apagar com uma só purificação todos os vícios, como também trazer, por benefício de Cristo, a sobriedade, a castidade, a continência, a clemência, a equidade, a prudência, e todas as restantes virtudes às almas que Lhe são consagradas. E isto faz-se de graça e depressa. Basta que o peito tenha sede de sabedoria e os ouvidos se abram – os ouvidos, evidentemente, que Cristo procura no Evangelho, dizendo: «Quem tiver ouvidos de ouvir que oiça»<sup>90</sup>. Venham pois os esfaimados, para que, saciados do celeste alimento, não sintam fome posteriormente. Venham os que têm sede, para haurirem a água salutar da celeste e perene fonte. Com esta comida e esta bebida, os cegos verão, os surdos ouvirão, os coxos andarão<sup>91</sup>, os mudos falarão, os enfermos terão saúde, os estultos terão juízo, pois tudo o que há de bom dimana [30] desta santíssima fonte para todos os mortais que têm sede de piedade. Daqui deriva toda a virtude e sabedoria para nos fazerem imortais. Serve a sabedoria para entendermos por que processo podemos chegar à glória celeste, a virtude para lá chegarmos. Saber é a virtude de conhecer a Deus. Virtude é prestar-Lhe culto; não só devemos, no culto, saber, isto é, estar instruídos no que temos e como devemos prestar culto, como no saber, prestar culto, isto é, executar em factos e em acções aquilo em que estamos instruídos. Nem a virtude se deve separar da sabedoria, nem a sabedoria afastar-se da virtude. Estes são os meios que nos levam por um caminho certo e sólido, os que, afastando toda a névoa, não consentem que caia ou pereça quem os segue.

Acabámos finalmente de patentear-vos, senhores ouvintes, as fontes donde podeis beber e mostrámos todos os caminhos das ciências, cujos méritos, se os quisesse desenvolver de per si, não era um só dia, mas sem dúvida um ano que me enfraqueceria a falar. Uma só coisa acrescentarei, contudo, e bem me parece que a devo dizer: não sei se por entorpecimento dos homens, se pela paixão das armas, todos estes géneros de artes estiveram jacentes nas trevas durante muito tempo, sob a forte opressão da barbárie, até que os reis chamaram a si esta causa tão ilustre e se deleitaram a tal ponto com estes estudos que, mesmo no meio das maiores ocupações, se regozijavam com ouvir diariamente um pouco de Literatura e aprender com a prática dos eruditos; ponto em que sempre foi grande o mérito dos Reis de França, que, pagando honorários [31] no seu reino a doutíssimos professores, fizeram jorrar as fontes das Boas Letras; e, eliminando antigas lacunas, conseguiram que as Letras corressem puras e cristalinas.

*Lusitaniae Rex*

Sed maior Ioannis huius nominis tertii Lusitanorum Regis Christianissimi gloria iam per omnia ora apud exterarum nationum, regum potentissimorum res gestas, cum suis nec contentionum magnitudine, nec numero proeliorum, nec celeritate conficiendi, nec uarietate posse conferri, non contentus tamen fortuna sua imperia, prouincias, uictorias, ac triumphos incredibiles sibi porrigente, non conqueuit, donec Litteras quasi toto orbe fugientes in suum regnum reduceret, ut uirtute etiam quemadmodum et fortuna reliquos principes longe superaret. Saepe mihi apud me cogitanti, fingentique qualis quantusque is esse deberet princeps qui nutu ac imperio mari, terris pacem, bella gereret, nunquam uoto succurrit concipere similem huic quem habemus. Nam, ut omittam gubernandi scientiam, quam sic a patre in uictissimo rege Emmanuele accepit, ut eam multis aliis uirtutibus egregie cumularet, et pleraque alia, quae integra illibataque uestris cogitationibus reseruari malo, quam carptim breuiterque perstringere, illud quod ad institutum pertinet, attingam: nempe quanto studio mores iuuentutis informet; quem honorem [32] dicendi magistris deferat; quanta dignitate sapientiae professores afficiat.

Principio enim cum Rex sapientissimus animaduerneret ex nulla re alia posse maius ornamentum Reipublicae accedere, quam ex litterarum studio, nihilque magis ualere ad animos pietatis muneribus excolendos, et omnem suam cogitationem in Reipublicae ornamentis defigeret, selectos sui regni adolescentes, minime parcens sumptibus in florentissimam omni disciplinarum genere Academiam Parisiorum, tanquam ad Bonarum Litterarum mercaturam misit, eosque postea non inanes, nec urbis auctoritatem dedecorantes in hanc suam Academiam reuocauit. Nec iis contentus ex uariis nationibus homines doctissimos summis praemiis illectos accersiuit, qui Lusitanam iuuentutem bonis artibus erudirent, et res obscuritate inuolutas nobis explicarent; erunt itaque illorum opera uobis, adolescentes, omnia expedita, prompta, facilia, modo non pigeat ad percipiendam disciplinam audiendi patientiam accommodare. Neque uero minimum signum dedit Rex optimus suae erga hanc Academiam beneuolentiae, cum te, rector illustrissime, duces nostrae Academiae, praestantissimum elegit, cuius consiliis nostra haec respublica litteraria constitueretur, quam tanta prudentia et aequitate gubernas, ut facile tibi immortalis laudem polliceri ualeas. Accessit illud praeclarissimum [33] testimonium regiae uoluntatis erga rempublicam quod tanta cura iuuentutis educationi consuluit, ut hac de causa Gymnasium florentissimum litteris dicaret, professores artium maximarum, uiros in omni genere litterarum potissimos ad hoc munus euocauit. Quae laus non mediocris fuit Andreae Goueani, qui in iussu regis uolens iuuentutem institui, elegit uiros qui rectissime iuuentutem optimis disciplinis imbuerent, quorumque ductu nostri homines cursum omnium disciplinarum conficerent quae eodem uinculo continentur. Hunc nobis tristia et importuna fata hac ultima aestate

[D. Andreas a  
Norogna]

[Andreas a  
Gouea]

Mas maior é a glória de D. João III, o Rei Cristianíssimo dos Lusitanos, que já voa de boca em boca pelas nações estrangeiras. Esse, vendo que os feitos de armas dos antigos imperadores, das nações estrangeiras e de reis potentíssimos se não podiam comparar com os seus, nem pela grandeza dos esforços, nem pelo número dos combates, nem pela rapidez da execução, nem pela variedade, não contente mesmo assim com a sua fortuna, que lhe oferecia impérios, províncias, vitórias e triunfos incríveis, não descansou até trazer as Letras, refugiadas quase do mundo inteiro, ao seu reino, para vencer de longe os outros príncipes na virtude, tal como na fortuna. Muitas vezes, pensando comigo e imaginando quão forte e grande devia ser um príncipe, que fizesse a paz ou a guerra, com o gesto e o poder, no mar e na terra, nunca tive a aspiração de o conceber semelhante ao que nós temos. Na verdade, para já não falar na ciência de governar, que recebeu de seu pai vitoriosíssimo, o Rei D. Manuel, e cumulou brilhantemente de muitas outras virtudes, e muitas outras qualidades, que prefiro reservar íntegras e intactas aos vossos pensamentos, a aflorá-las parcial e brevemente, tocarei naquilo que diz respeito ao meu plano: a saber, com quanto cuidado modela os costumes da juventude, que honras [32] tributa aos mestres de linguagem, com quanta consideração distingue os professores de ciências.

*O Rei de Portugal*

No princípio, como o Rei sapientíssimo compreendesse que de nenhuma outra coisa podiam provir maiores títulos à Nação do que do cultivo das Letras e que nada tinha mais força para aperfeiçoar os corações nos dons da piedade, e, como fixasse todo o seu cuidado no engrandecimento do País, mandou jovens escolhidos do seu reino, sem se poupar a despesas, para a Universidade de Paris, florescentíssima em todo o género de disciplinas, como que para comprar as Belas-Letras, e depois chamou-os de novo a esta sua Universidade, não vazios, nem a envergonharem o prestígio da urbe. E, não contente com isto, mandou vir de várias nações homens doutíssimos, atraídos pelas maiores recompensas, para instruírem a juventude lusitana nas boas artes e nos esclarecerem sobre factos envoltos em obscuridade; e por isso as obras deles serão todas, ó jovens, claras, prontas, fáceis para vós, desde que não vos enfadeis de aplicar a vossa paciência de ouvintes à compreensão da disciplina. Não deu o Rei magnífico sinal menor da sua benevolência para com esta Universidade, quando vos elegeu a vós, reitor ilustríssimo, chefe excelente da nossa Academia, para sob os vossos desígnios se constituir esta nossa república das Letras, que governais com tanta clarividência e equidade, que facilmente conseguireis assegurar-vos um louvor imortal. Acresceu aquele preclaríssimo [33] testemunho da vontade régia para com a Nação, em ter velado com tanto cuidado pela educação da juventude, que por esse motivo consagrou às Letras um Colégio florescentíssimo e chamou para este cargo professores do maior saber, homens eminentíssimos em todos os ramos das Letras. Não foi medíocre o valor de André de Gouveia, que, desejando que a juventude fosse ensinada segundo a ordem do rei, escolheu homens que a imbuíssem perfeitamente das melhores matérias, e sob cuja direcção os nossos executariam o curso de todas as disciplinas que estão ligadas pelo mesmo laço. A este arrebataram-no-lo no passado verão fados tristes e importunos, e com a sua morte

*[D. André de Noronha]*

*[André de Gouveia]*

[Iacobus a  
Gouea]

eripuerunt. Ex illius morte maximum Litterarum ornamentum abstulerunt. Sed cesset querela. Succedit uir grauissimus, omni litterarum genere ornatissimus, Iacobus a Gouea doctor praestantissimus. Qui iam pridem Lutetiae celebri Gymnasio praefectus, sic Litteras excoluit iuuentutemque ad earum studia capessenda sic incendit, ut nullum sit Gymnasium, a quo doctiores grammatici, poetae, historici, oratores et philosophi prodire soleant. Hunc uos, adolescentes, ut duces reueremini, ut parentem colite, et cursum, quem suscepistis ad hunc usque diem, alacriori animo perficere contendite. Quam ob rem ut iam dicendi finem faciam (neque enim opinor uos longiorem orationem requiritis) excitamini ad hanc uocem meam et gratias immortales regi sapientissimo agamus [34] ob illustrem et peruagatam ipsius in nos, in patriam, atque adeo omne genus hominum gloriam meritorum. Facias ista semper, Rex optime, nec unquam in hoc opere aut animus tuus, aut fortuna lassetur. Quoties de nobis cogitabis, toties existima te ad Dei immortalitatem propius nulla re accedere, quam liberalitate; nihil enim habet fortuna tua maius quam ut possis, nihil uirtus melius quam ut uelis, in studiis Litterarum semper iuuare quam plurimos; nam ut felicitatis est quantum uelis posse, ita probitatis uelle quantum possis.

[D. Ferdinandus  
a Vasconcellos]

In partem laudis, auditores, uocetur is quoque qui, quoad potuit, patronus Litterarum, decus et gloria Lusitanici nominis extitit: prudentissimum D. Ferdinandum a Vasconcellos Vlisipponae archiepiscopum intelligo, quem in animis grata memoria colere et uenerari debemus.

Cum igitur nobis parata sint omnia, currentibus subito ceteris continuo ipsi animemur ad cursum, et tanquam signum expectantes pulsu uegetiore ad prosiliendum concitemur. Ita deinceps uiuamus ut nullo nos unquam tempore commodum aut otium a Litteris abstrahat, aut uoluptas auocet, aut somnus denique retardet. Videtis ablatam paratamque uobis occasionem; quam si praeteruolare patiamini, frustra amissam requiretis. Aetas uestra idonea, professorum maxima diligentia, artium omnium Bonarumque Litterarum institutio, atque adeo omne doctrinae genus, ut si minus [35] quam par est profeceritis, neminem accusare nisi uos ipsos possitis.

Dixi.

tiraram-nos o maior ornamento das Letras. Mas cessem as lamentações. Sucedeu-lhe um homem muito ponderado, extremamente dotado em todos os ramos das Letras, o eminentíssimo doutor Diogo de Gouveia, o qual, sendo já antes principal no célebre colégio de Paris, de tal modo cultivou as Letras e a tal ponto entusiasmou a juventude a empreender o seu estudo, que não há colégio algum donde costumem sair mais doutos gramáticos, poetas, historiadores, oradores e filósofos. Venerai-o, jovens, como um chefe, honrai-o como um pai, e esforçai-vos por acabar com mais alegre ânimo o curso que seguistes até este dia. Por isso, para pôr já termo ao meu discurso (nem, ao que me parece, vós reclamais uma oração mais extensa) incitai-vos, a esta minha voz, e demos graças imorredouras ao Rei sapientíssimo [34] pela ilustre glória de seus méritos, irradiada sobre nós, sobre a pátria, e mais ainda, toda a raça humana. Que façais assim sempre, Rei magnífico, e que nunca nessa obra se vos canse a mente ou a fortuna. Todas as vezes que em nós pensardes, entendi que por motivo nenhum se chega mais perto da imortalidade de Deus do que pela liberalidade; porquanto nada tem a vossa fortuna de mais grandioso do que ajudar sempre como puderdes, nada tem a vossa virtude de mais excelente do que ajudardes como quiserdes o maior número possível nos estudos das Letras; pois, assim como é próprio da felicidade poder-se quanto se quer, assim é próprio da probidade querer-se quanto se pode.

[Diogo de Gouveia]

Seja chamado também à sua parte de elogio, ouvintes, aquele que, até onde pôde, foi patrono das letras, honra e glória do nome lusitano: refiro-me ao esclarecidíssimo D. Fernando de Vasconcelos, Arcebispo de Lisboa, a quem devemos com grata memória render culto no nosso espírito e venerar.

[D. Fernando de Vasconcelos]

Está, portanto, tudo preparado para nós. Ao correrem de súbito os restantes, logo nos animemos para a carreira e, como quem espera um sinal, lancemo-nos ao assalto, com um impulso mais vivo. E depois, vivamos de tal maneira que nunca em tempo algum a comodidade ou o ócio nos arranque às Letras, o prazer nos afaste, ou finalmente o sono nos retarde<sup>92</sup>. Vedes a ocasião que se vos oferece e está preparada, e, se sofrerdes que ela voe para longe, em vão a buscareis, depois de perdida. A vossa idade é a apropriada, a diligência dos professores é máxima, o ensino de todas as artes e das Belas-Letras e de toda a qualidade são de tal modo que, se aproveitardes menos [35] do que convém, a ninguém podeis inculpar do facto, senão a vós mesmos.

Disse.